

NICOLE ROESSLE GUAITA

**A RELAÇÃO ENTRE A INDÚSTRIA CULTURAL E A PRÁTICA DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE
CASO**

Monografia apresentada como requisito parcial
para a conclusão de curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de Educação,
do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade
Federal do Paraná.

**ORIENTADOR:
MARCELO MORAES E SILVA**

“Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher, minhas idiossincrasias tão pessoais, tão minhas que no rosto se espelhavam, e cada gesto, cada olhar, cada vinco da roupa resumia uma estética? Hoje sou costurado, sou tecido, sou gravado de forma universal, saio da estamperia, não de casa, da vitrina me tiram, recolocam, objeto pulsante, mas objeto que se oferece como signo de outros objetos estáticos, tarifados. Por me ostentar assim, tão orgulhoso de ser não eu, mas artigo, peço que meu nome retifiquem. Já não me convém o título de homem. Meu nome novo é coisa. Eu sou a coisa, coisamente”.

(Carlos Drummond de Andrade)

AGRADECIMENTOS

A todos àqueles que me educaram e deseducaram, que orientaram e desorientaram, pois para crescermos não devemos somente construir, mas, sobretudo desconstruir valores, pensamentos e ideais.

Àqueles que me educaram com sensibilidade e com amor e com isso não permitiram que eu endurecesse frente à barbárie dessa sociedade e fizeram com que eu ainda acredite numa possibilidade de mudança.

Assim, agradeço principalmente à minha família - que é meu alicerce, ao meu orientador e namorado – meu eterno companheiro, e a todos os meus amigos - os de longe e os de perto, os de antes e os de agora – que preenchem a minha vida.

DEDICATÓRIA

Ao Má
uma página de carinho

RESUMO

A indústria cultural está cada vez mais presente em nossas vidas, ditando como devemos ser, o que vestir, comer, como se comportar. Nesse contexto o corpo ocupa lugar central, nunca observamos tantos produtos que visam transformá-lo, “melhorá-lo”. Vivemos uma época em que estamos presos a esses ditames e acreditamos que só seremos felizes se estivermos dentro dos padrões. Essa situação permeia toda sociedade, mas meu foco de estudo foi o espaço escolar, pois o mecanismo da indústria cultural é presente também nesse espaço. Para isso realizei uma pesquisa de cunho etnográfico, especificamente um estudo de caso numa grande escola de Curitiba, com o objetivo de investigar e analisar a relação entre a indústria cultural e a prática dos professores de Educação Física. A partir das análises sobre a empiria levantei quatro questões sobre essa relação: 1.O mecanismo da indústria cultural é tão sutil que o público (professor) nem percebe o quanto é dominado e o reproduz; 2. O professor é influenciado desta maneira pois também é vítima deste sistema ao ser logrado quanto a promessa de felicidade realizada pela indústria cultural (o discurso do “corpo perfeito”, por exemplo); 3. A falta de uma formação continuada faz com que o professor busque na indústria cultural uma forma de atualização; 4. Os valores deste mecanismo, juntamente com a inserção de práticas não-formais de educação física na escola são uma forma de legitimação social da Educação Física escolar. Desta forma o intuito deste trabalho é trazer ao professor de Educação Física visibilidade sobre estas questões a fim de que ele possa refletir sobre sua prática.

Palavras-chave: Professor, Teoria Crítica, Indústria Cultural.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
1.1 JUSTIFICATIVA	01
1.2 OBJETIVOS	02
1.2.1. Objetivo Geral	02
1.2.2. Objetivos Específicos	02
1.3 METODOLOGIA	03
2. A ESCOLA, AS TURMAS E O PROFESSOR	05
3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE	09
3.1. CONTEXTO DE SURGIMENTO DA TEORIA CRÍTICA	09
3.2. A DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO.....	12
3.3 A INDÚSTRIA CULTURAL: O ESCLARECIMENTO COMO MISTIFICAÇÃO DAS MASSAS	16
3.4 A DIALÉTICA DA INDÚSTRIA CULTURAL	36
4. A RELAÇÃO ENTRE INDÚSTRIA CULTURAL E A PRÁTICA DOS PROFESSORES	40
5. CONSEQÜÊNCIAS DESSA RELAÇÃO: UMA EDUCAÇÃO DANIFICADA ...	53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

1. INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

Um dos aspectos mais evidentes no mundo contemporâneo é o lugar central ocupado pelos meios tecnológicos de produção e reprodução de informações, que abrem um espaço cada vez maior em nossas vidas, catalisando nossas emoções e posicionamentos diante o mundo e mostrando seu lado mais sombrio ao colaborar com a manutenção do *status quo*. Mas esses fatores não são observados apenas na atualidade, alguns estudiosos da Teoria Crítica da sociedade, já na década de 30¹ apontavam críticas a denominada Indústria cultural, evocando a idéia de que a cultura deixou de ser uma decorrência espontânea da humanidade, tornando-se mais um campo de exploração econômica, voltada para os objetivos de produzir lucros e a garantia de adesão ao sistema capitalista.

Embora em contextos diferentes as conseqüências dessa adesão quase que inconsciente aos feitiços da Indústria cultural, continuam a ser alarmantes: a mesma barbárie que permitiu um acontecimento como Auschwitz², hoje colabora na prisão de milhares de pessoas a estereótipos cotidianamente vinculados nas revistas e na TV, sob a ameaça de exclusão e preconceito, caso não se siga os padrões estabelecidos, que por sua vez, mudam de acordo com os interesses de uma minoria detentora justamente daqueles meios de produção que a que me referi acima.

Na segunda guerra mundial, os perseguidos eram os judeus, hoje e quem esta acima ou abaixo do peso, aquele que e muito alto ou muito baixo, quem tem pouco ou muito seio e bunda, ou ainda aquele que não se rende aos ditames da moda, afinal você deve estar na medida apregoada a você. Afinal a Indústria cultural reza: “deves submeter-se, sem indicar a quê”.

Mesmo com todo aparato envolvido nas grandes produções da indústria

¹ Embora o texto utilizado como referencial para o estudo da indústria cultural, contido na Dialética do Esclarecimento, tenha sido publicado na década de 40, já na anterior os frankfurtianos realizam críticas a este mecanismo.

² Auschwitz foi um dos maiores campos de concentração, utilizado como campo de extermínio durante a Segunda Guerra Mundial. Adorno faz menção direta a este local, no texto “Educação após Auschwitz” (ADORNO, 2000, p. 119).

cultural - que não deixam espaço para questionamentos, pois não podemos perder de vista o grande astro de cinema ou os fantásticos efeitos especiais - podemos resistir a ela, contudo, corremos o risco de nos tornarmos um estrangeiro em nosso próprio país.

Essas situações permeiam toda a sociedade, mas o foco que estarei trabalhando será a escola, pois o cotidiano escolar, cada vez mais, reflete essas práticas reificantes e preconceituosas, fazendo de nossas escolas “pequenas auschwitzs”³.

Dessa forma, entendo que a escola que poderia ser um espaço de formação para a autonomia tem se entregue em muitos casos aos feitiços da indústria cultural. E o professor tem papel primordial nesse processo, pois ele é o sujeito educacional que deve mediar estas ações no espaço escolar, incentivando os seus alunos a refletirem sobre a sociedade e as diversas formas de dominação existentes.

A partir desse contexto entendo que o professor tem papel fundamental nesse processo, e procurarei discutir aqui, através de observações de turmas de ginástica, na disciplina de Educação Física, de uma grande escola de ensino médio de Curitiba, como se dá a relação entre a prática de professores e a indústria cultural.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar a relação entre indústria cultural e a prática dos professores de Educação Física no Ensino Médio.

1.2.2 Objetivos Específicos

1) Observar a atuação do professor de ginástica de uma grande escola de Curitiba;

2) Levantar quais as causas e conseqüências dessa relação entre indústria cultural e a prática do professor do Ensino Médio;

³ Este termo foi utilizado por SILVA (2004), ao referir-se às práticas preconceituosas no espaço escolar.

3) Cruzar os elementos da revisão bibliográfica e os dados empíricos.

1.3 METODOLOGIA

O acento passivo da palavra paciência não exprime muito mal como é tal modo de conduta> não é a agitação afanosa nem o ficar parado matutando, mas sim o olhar demorado sobre o objeto (Gegestand) sem querer forçá-lo. A disciplina científica em voga requer do sujeito que se apague a si mesma em prol da primasia da coisa ingenuamente presumida. A isto se opõe a filosofia. O pensar não deve reduzir-se ao método, a verdade não é o resto que permanece após a eliminação do sujeito. Pelo contrário, este deve levar consigo toda sua inervação e experiência na observação da coisa para, segundo o ideal perder-se nela. (ADORNO, 1995, p. 19).

Esta pesquisa procurou investigar a relação entre a indústria cultural e a prática dos professores de Educação Física de ensino médio, através de uma observação participante das aulas de Educação Física, de três turmas, da modalidade de ginástica de um grande colégio da cidade de Curitiba. Trata-se, portanto de um estudo de caso de cunho etnográfico, pois o objetivo foi o de estudar um caso em específico, as aulas da modalidade ginástica de uma dada instituição escolar, estando mais interessado naquilo que está ocorrendo e no como está ocorrendo do que nos seus resultados.

Segundo André (1995, p. 30), a pesquisa etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. Para isso se faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados.

A mesma autora comenta que neste tipo de pesquisa o que se pretende é apresentar, com base nos dados empíricos e no posicionamento do pesquisador, uma das possíveis versões do caso, deixando-se aberta à possibilidade para outras leituras/versões acaso existentes. Dessa forma, “não se parte do pressuposto de que a reconstrução do real pelo pesquisador seja a única ou a correta” (ANDRE, 1995, p.56), aceita-se então que os leitores possam desenvolver suas próprias representações.

Embora o processo etnográfico deva ser aberto e flexível, isso não significa ausência total de um referencial teórico.

A definição do objeto de estudo e sempre feita por causa de um alvo que

se busca e de um interesse específico por conhecer, o que implica uma escolha teórica. No caso dessa pesquisa, o referencial teórico escolhido, como foi explicitado ao longo do trabalho, foi o da Teoria Crítica da Sociedade, ou também conhecida como Escola de Frankfurt, utilizando-se principalmente os escritos de Horkheimer e Adorno (1985), em *Dialética do Esclarecimento*. Pois, de acordo com ANDRE (1995, p. 61), “é esse movimento de vaivém da empiria para a teoria, e novamente para a empiria, que vai tornando possível a descoberta de novos conhecimentos”. Contudo, gostaria de deixar claro que a escolha do referencial teórico deu-se após as observações.

O trabalho realizado se enquadra na modalidade de pesquisa participante, pois neste modelo o pesquisador é parte integrante do cotidiano escolar. Entretanto, conforme alerta Ezpeleta e Rockwell (1987), o pesquisador não deve se deixar envolver afetivamente e nem se basear nas críticas estabelecidas a pelo teoria produzida anteriormente. As autoras lembram que o pesquisador deve procurar captar todos os acontecimentos que permeiam as representações dos sujeitos educacionais, para aí sim analisar e se posicionar diante da situação, e que no caso da pesquisa participante pode inclusive proporcionar o início de processo de mudança no espaço escolar.

A primeira parte da pesquisa, as observações e entrevistas foram realizadas e sistematizadas durante o segundo semestre letivo de 2003. Após este período foi iniciada a revisão bibliográfica relativa a temática e o cruzamento dos dados empíricos com a literatura.

2. A ESCOLA, AS TURMAS E O PROFESSOR

Como todas as instituições criadas pelo homem, a escola é ambígua, mas é ambígua porque, acima de tudo, é uma realidade dialética. Tem plasticidade. Pode ser transformada. Pode transformar também. (RAMOS DE OLIVEIRA, 1995 p. 137).

A experiência de vivenciar na prática as aulas de Educação Física escolar através da disciplina de Estágio Supervisionado reservou-me surpresas. O que teoricamente seria apenas a aplicação prática daquilo que aprendemos nos dois primeiros anos do curso de graduação trouxe a oportunidade de conhecer de fato o cotidiano escolar questioná-lo e refletir sobre ele na perspectiva de melhorá-lo. Desta forma, esse sentimento resultou no projeto desta pesquisa.

A direção da escola, a coordenação de Educação Física e os professores com quem tive contato foram muito acessíveis e contribuíram em muito para meu reconhecimento da escola e contato com os alunos. Esse contato próximo com os professores de Educação Física foi fundamental, pois por se tratar de uma escola com grande estrutura física e elevado número de alunos, foram eles que abriram espaço para entender as normas, regras e filosofia com que trabalhavam.

O estágio e conseqüentemente a pesquisa, como citei acima, foram realizados numa das maiores escolas públicas do estado sendo a maior de Curitiba, ofertando aos alunos o nível de ensino médio, nos três períodos: manhã, tarde e noite.

A procura por vagas nessa instituição é tamanha que é preciso de um processo seletivo para o ingresso na escola, sendo que a disputa chega a ser de cinco alunos por vaga. A grande concorrência para estudar neste colégio, acredito acontecer devido ao *status* que tem perante a sociedade paranaense, com uma história de 158 anos tendo acolhido diversas personalidades do Estado do Paraná, pela bela estrutura física que o colégio apresenta, incluindo o único planetário de Curitiba, além de ser localizado no centro da cidade sendo portanto de fácil acesso. Devido a esses fatores, a caracterização de uma determinada classe social predominante no colégio é impercebível, pois independente da condição sócio-econômica dos alunos e do fato de ser uma escola gratuita, a procura por seu ensino engloba todas as camadas sociais.

A escola oferece diversos serviços extracurriculares como atividades esportivas, banda, coral, consultório odontológico, cursos de línguas, escola de

artes, grupo de teatro, rádio comunitária, museu, entre outros, abertos inclusive para a comunidade externa ao colégio.

No colégio existe uma coordenação de Educação Física responsável pelas aulas curriculares e também pelas atividades esportivas do colégio. A área desportiva da escola foi inaugurada em 1951 compreendendo: ginásio de esportes, sala de musculação, sala de ginástica, sala de xadrez, sala de professores, sala da coordenação, sala para aula teórica e vídeo, piscina olímpica com trampolim para saltos, piscina de aprendizagem, pista de atletismo, campo de futebol e quadras polivalentes externas.

No ano de 2003, a forma como a disciplina de Educação Física foi planejada seguiu uma metodologia diferente. A primeira vista seria uma forma que daria mais autonomia aos alunos, questão que merece nossa atenção.

A escolha pelos conteúdos a serem trabalhados em cada bimestre nas aulas de Educação Física era realizada pelos próprios alunos. Foram ofertadas as disciplinas de Basquetebol, Futebol, Voleibol, Handebol, Ginástica e obrigatoriamente no último bimestre natação a fim de usar a estrutura da piscina. A coordenação de Educação Física disponibilizou nove vagas para cada modalidade e caso houvesse mais alunos do que vagas seria feito sorteio.

Cada professor⁴ era responsável por uma modalidade específica durante todo o ano, e os alunos também, caso desejassem poderiam praticar a mesma atividade durante os três primeiros bimestres limitando a gama de experiências corporais dos alunos⁵.

Entendo que tal procedimento não passa de uma “ilusão de escolha”, ou populismo por parte da escola numa tentativa de aumentar o interesse pelas aulas de Educação Física, visto que o objetivo das modalidades em suas práticas é o mesmo: o domínio da natureza. Pois, tanto os conteúdos esportivos como a ginástica observada dentro da escola supervisionada, exigem o domínio da natureza, a começar pela autodomação e disciplinarização através do sacrifício,

⁴ Em conversa com os alunos nos foi confessado que muitas vezes a escolha da modalidade acontecia não por afinidade a esta e sim por simpatia ao professor que a ministrava.

⁵ Quero salientar que essa metodologia de escolha de conteúdos pôr parte dos alunos tem seus pontos positivos e negativos. E não me cabe julgar se isso é o modelo mais adequado ou não para ser aplicado no espaço escolar. Entretanto, gostaria de salientar que não teria nada contra aos alunos poderem escolher os conteúdos que gostariam de praticar nas aulas de Educação Física. Só que esta escolha só poderia ser feita de uma maneira autônoma se os alunos diferem acesso desde da Educação Infantil das mais variadas práticas corporais.

ora visando o rendimento, ora objetivando o corpo perfeito.

Comparo essa atitude por parte dos professores com logra da Indústria cultural sobre seu público, denunciado na Dialética do Esclarecimento:

Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. (...) O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa. (...) As vantagens e desvantagens que os conhecedores discutem servem apenas para perpetuar a ilusão de concorrência e da possibilidade de escolha. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 116).

Os autores exemplificam este fato através das séries Chrysler e a série General Motors, dizendo que no fundo a diferença entre elas é ilusória que até uma criança já sabe.

A modalidade que acompanhei foi a de ginástica, o que possibilitou algumas observações peculiares que culminou com a escrita dessa monografia. Como a escola possibilitou a escolha da modalidade pelos alunos, a procura dessa disciplina foi grande, embora que apenas pelas meninas. Os nomes dos meninos, quando do sorteio para esta modalidade eram citados apenas como forma de gozação e brincadeira com os amigos conforme mostra o caderno de campo:

“- Professora o Rafael é meio afeminado acho que ele deveria ir para a ginástica!” ou um aluno dizendo a seus amigos: “-Vocês é que são bobos, eu queria fazer ginástica só para ficar no meio da mulherada, mas futebol é futebol.”

As aulas de ginástica eram realizadas numa sala dentro do ginásio, toda espelhada e com barras para alongamento presas a parede, contendo num canto uma pilha de colchonetes e em outro uma balança biométrica, pesinhos de mão e um aparelho de som.

Observei as aulas de três turmas durante um mês e estagie nas mesmas nos dois meses seguintes. Cada turma era composta de aproximadamente 40 alunas (como disse, apenas meninas). As turmas eram de 1º e 2º anos do ensino médio, visto que o colégio deixa facultativa a prática de Educação Física para o 3º ano e para as séries do noturno.

Em um questionário aplicado às alunas, a fim de descobrir com qual finalidade e objetivo escolheram a modalidade de ginástica, as respostas alternaram entre o “gostar” dessa prática e o fator “estético” que poderia ser trabalhado nas aulas, no entanto, quando perguntado sobre o que esperavam das aulas, a maioria

respondeu que era a questão estética, pois não estavam satisfeitas com sua aparência física, e mesmo aquelas que estavam queriam melhorá-la.

Podemos observar essa preocupação com o “corpo perfeito”, nas respostas de algumas meninas a questão sobre o que esperavam das aulas de ginástica: “Que as professoras nos ajudem a ficar magrinhas e saradas”; “ter um corpo mais bonito e delineado”; “melhorar meu corpo e me disciplinar em relação aos exercícios”; “quero engordar sem ganhar pneuzinhos” e “ficar com um corpinho bom para o verão!”. E quando questionadas a respeito de estarem ou não satisfeitas com seu corpo: “não, pois estou fora dos padrões da sociedade”; “sim, mas queria perder 3 Kg”; “não, ele está deformado com as gorduras”; “não, sou gorda!”; “não, sou muito magra”; “não, estou com celulite, estria e culote”.

Numa primeira impressão a ginástica pode parecer um conteúdo inovador, visto que atualmente a Educação Física ainda é muito confundida com o conteúdo esporte, conforme aponta os estudos de Assis de Oliveira (2001), Bracht (1992) e Coletivo de Autores (1992). Entretanto, conforme nos indicam os estudos históricos de Soares (2001a e 2001b), a ginástica foi o primeiro conteúdo a ser trabalhado nas aulas de Educação Física no século XIX. Portanto, não se trata de um conteúdo novo, mas que varia de objetivos conforme o ideário presente em cada época e contexto.

A ginástica é um conteúdo amplo que abre diversas possibilidades de trabalho: acrobacias, ginástica olímpica, ginástica rítmica desportiva, ginástica geral, entre outras. Entretanto, como modalidade de ensino da escola estagiada, visou o corpo “sarado”, em *boa forma*, numa luta desenfreada contra seu maior inimigo, “as gordurinhas”. Enfim os objetivos desse conteúdo tanto por parte da maioria das alunas como da professora eram estéticos. E é a partir dessas observações que discutirei nos próximos capítulos a relação da prática do professor da disciplina com a indústria cultural. Entretanto, antes disso farei considerações á respeito da Teoria Crítica da Sociedade, referencial com que estarei dialogando ao longo do trabalho.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE

A massificação cultural cumpre assim um papel de não elevar a consciência da massa mas, ao contrário, das mais diversas e ardilosas formas, fragmentar a subjetividade humana para nela introjetar uma objetividade ideológica que retroalimenta a própria estrutura dominante. (FABIANO, 1998, p. 161).

Neste capítulo farei uma breve explanação sobre o pensamento dos frankfurtianos, principalmente de Horkheimer e Adorno no livro intitulado “Dialética do Esclarecimento” (1985), trabalhando com conceitos-chaves dessa tradição como domínio da natureza, esclarecimento, emancipação, racionalidade, técnica, entre outros, dando suporte para os leitores compreenderem a dialética dos autores e o conceito principal abordado neste estudo que é o da indústria cultural. Considero importante o entendimento deste conceito no contexto da obra e momento histórico no qual os autores o utilizaram, pois embora os escritos possam ser vistos como bem atuais se analisarmos somente o capítulo destinado à indústria cultural corremos o risco de fazer uma leitura equivocada desse pensamento.

Contudo não podemos imobilizar os conceitos que aqui serão levantados, eles devem estar sempre em contato com a realidade, pois como aponta RAMOS DE OLIVEIRA (2003, p. 116), “o foco de investigação tem que ser dirigido justamente à natureza cambiante da realidade, principalmente no caso da indústria cultural que, por sua estreita ligação com a tecnologia, muda, transforma-se a cada dia”.

3.1 CONTEXTO DE SURGIMENTO DA TEORIA CRÍTICA

No início da década de 20, a esquerda alemã encontrava-se numa situação de encruzilhada, ou apoiava os social-democratas que estavam no poder ou aceitava a liderança de Moscou e fazia oposição à social democracia. Entretanto, havia outra possibilidade como aponta Wiggerhaus (2002), voltar-se para a investigação científica-filosófica a fim de ampliar os horizontes teóricos do marxismo.

Segundo esse autor, a terceira possibilidade não tardou a se concretizar. Felix Weil, recém doutorado em Ciência Política pela Universidade de Tübingen, organizou, em 1922, em Ilmenau, a “Primeira semana marxista de trabalho”, discutindo como tema central “a importância do papel do intelectual” e contou com a

presença de intelectuais que posteriormente se tornaram nomes importantes do marxismo ocidental como George Lukács, Karl Korsch, Friedrich Pollock e Kant Wittfogel, entre outros.

O sucesso desse encontro fez surgir a idéia de uma segunda semana de trabalho cujo tema seria “Educação e ascensão social dos bem dotados e distribuição de tarefas”, que, no entanto foi superada por um projeto bem mais audacioso, a criação de uma instituição permanente de pesquisa para discussão dos pensadores de esquerda.

Os meios materiais para a abertura dessa instituição foram fornecidos pelo próprio Felix Weil, cujo pai enriqueceu como exportador de cereais. Após serem tomadas as medidas estruturais para a criação do centro de pesquisa, trabalhou-se na determinação do formato do instituto. Decidiu-se que ele seria sediado junto à Universidade de Frankfurt, por ser nova e considerada liberal, de modo que ao estar perto de um campo universitário, pudesse adquirir mais facilmente respeitabilidade acadêmica sem perder sua independência e autonomia. Segundo DUARTE (2003, p. 14), o principal interesse do instituto era “a criação de um espaço de reflexão que se interpusse entre o empreendimento científico burguês e a miopia ideológica do Partido Comunista”.

A princípio o estabelecimento seria chamado de Instituto para o Marxismo, nome considerado, pelo Ministério da Educação Social-Democrata, gestor da Universidade, muito ideológico. Desta forma, foi escolhido um nome mais neutro e, portanto, mas adequado diante da correlação de forças políticas daquele momento, prevaleceu então o de Instituto para a Pesquisa Social.

De acordo com Wiggerhaus (2002) a primeira gestão do Instituto iniciada em 1924 e gerida por Karl Grünberg, conhecido por ser um meticuloso historiador do movimento operário europeu, caracterizou-se por um marxismo pouco inovador. Em 1928, ocorre o afastamento de Grünberg por motivos de saúde, Friedrich Pollock assume a direção interinamente. A exemplo do contexto conturbado quando da criação do instituto, é travada uma disputa entre o ministério que desejava um nome de direita para a direção e Felix Weil pela manutenção do caráter marxista. A solução então encontrada foi a nomeação de Max Horkheimer, pois ele preenchia os requisitos acadêmicos para o cargo e embora já tivesse uma experiência teórica marxista não tinha envolvimento político comprometedor.

Horkheimer assume em 1931, com “um discurso que aponta para a

necessidade de interpenetração progressiva entre a filosofia e as ciências particulares, defendendo também a importância de um filósofo estar a frente de um empreendimento de pesquisa empírica meticulosamente planejado”. (DUARTE, 2003, p. 16). Para isso tanto o pensamento de Freud⁶ como de Marx são indispensáveis e ganham lugar privilegiado nas discussões do instituto para a superação da crise do marxismo.

Em 1933, Adolf Hitler chega ao poder, iniciando um desmantelamento de qualquer foco de resistência democrática e socialista que pudesse prejudicar a tirania nazista. E um dos primeiros alvos da Gestapo foi o Instituto. Em 13 de maio de 1933, o instituto foi invadido e fechado pela polícia sendo a sua sede entregue à liga estudantil nazista e inclusive alguns de seus membros foram presos.

Nem todos os membros do instituto estavam convencidos da necessidade de deixar a Alemanha, mas com a força com que o nazismo crescia a melhor solução seria pensar em outra sede principal. A princípio foram pensados nos escritórios de Genebra ou Londres, mas também não seriam sedes seguras pela possibilidade de difusão do nazismo. Horkheimer resolve então aceitar a proposta da Columbia University para seu estabelecimento em Nova Iorque.

Foi neste período de atividades nos Estados Unidos, que surgiram várias análises importantes dos autores sobre a sociedade administrada. Entre diversos acontecimentos importantes na fase norte-americana do Instituto, um dos principais frutos foi a escrita por Horkheimer e Adorno da “Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos” que traz um capítulo destinado ao enfoque deste trabalho, a indústria cultural.

A escrita desse capítulo foi influenciada pela ida de Adorno para os Estados Unidos, pois lá teve contato com um aparato industrial avançado. Diferentemente de outros membros do Instituto Adorno tentou continuar vivendo como músico em Berlim, e posteriormente obteve bolsa de estudo para a Universidade de Oxford, na Inglaterra, onde residiu alternadamente por três anos.

Em 1937, por intermédio de Horkheimer, Adorno recebe o convite para participar no *Princeton Radio Research Project*, e emigra juntamente com sua mulher para os Estados Unidos. Esse convite foi feito principalmente pelo artigo

⁶ Segundo Wiggerhaus (2002), a chegada do pensamento de Sigmund Freud nas discussões realizadas pelos teóricos de Frankfurt, se deve principalmente pela entrada no Instituto do psicólogo

publicado na Revista para a Pesquisa Social sobre a situação social da música.

No ano de 1941, chega ao fim a participação de Adorno no projeto e então segue os passos de Horkheimer e muda-se para os arredores de Los Angeles. Nesse período a relação entre os dois é estreitada e retomam o antigo projeto de escrever um livro sobre, nas palavras de DUARTE (2003, p. 19), “o problema contemporâneo da dialética”. Dessa forma, surge em 1944, a primeira versão da Dialética do Esclarecimento (*Dialektik der Aufklärung*).

3.2 A DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO

A obra “Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos” de autoria de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer é um dos principais referenciais para o estudo da Teoria Crítica da Sociedade.

Referindo-se à dialética do esclarecimento “o progresso na barbárie, a barbárie no progresso”, ZUIN, PUCCI E RAMOS DE OLIVEIRA (1999, p. 45), utilizam um provérbio que ilustra muito bem as conseqüências produzidas pela objetivização da nossa racionalidade: “a mão que afaga é a mesma que fere”. Essa objetividade encontra seu apogeu na sociedade capitalista e tem como instrumento a técnica. Segundo esses autores atualmente existe um grande aparato técnico que nos possibilita atingir a tão cobiçada liberdade, porém nos acostumamos com a simples reprodução das necessidades. Mas eles perguntam: “Será que essa é uma contradição específica, e até mesmo exclusiva, da sociedade capitalista?” (ZUIN, PUCCI E RAMOS DE OLIVEIRA 1999, p. 45).

Para Horkheimer e Adorno (1985), essa contradição é mais antiga do que podemos imaginar. E na verdade esse progresso técnico, que tanto nos enchem os olhos, não seja motivo para nos orgulharmos, pois é produto de um sentimento não tão nobre. Ela esconde o medo, o medo do desconhecido, ou seja, a autopreservação do homem perante a natureza.

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa de esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 19).

Para Guaita e Silva (2004), Horkheimer e Adorno argumentam que na luta pela autopreservação a humanidade através do domínio da natureza e do processo de esclarecimento realizou obras importantes, entretanto, o medo, e a busca pelo poder fizeram com que o homem chegasse a cometer inúmeros atos de barbárie, como o descrito por Adorno (2000), a respeito de Auschwitz.

Duarte (1993), em livro sobre a mimesis e a racionalidade, comentando sobre a Dialética do esclarecimento de Horkheimer e Adorno, indica que o esforço humano para o domínio da natureza volta-se contra o próprio ser humano, à medida que surge uma realidade inteiramente despida de caracteres da natureza ordinária, mas que se apresenta enquanto naturalidade alienada.

Portanto, a grande pretensão do esclarecimento era de encobrir as explicações irracionais provenientes dos mitos em prol de um saber. Mas não qualquer tipo de saber, e sim aquele que pudesse ser convertido em algo prático, que tivesse como critérios a utilidade e calculabilidade.

ZUIN, PUCCI E RAMOS DE OLIVEIRA (1999, p.47), lembram que não por coincidência os frankfurtianos citam Bacon como um dos primeiros defensores de um saber que se afastasse da metafísica, pois este não acrescentava nada de útil na vida dos homens. De acordo com os autores, seu pensamento era de que “a operação, o cálculo e o procedimento eficaz forneceriam as condições para que tivéssemos certeza de caminharmos em terras bem mais firmes que o terreno efêmero da metafísica”, dessa forma “sonhava-se então com um sistema dedutivo único, de caráter lógico-formal, capaz de solucionar todos os problemas oriundos das relações sociais”, (ZUIN, PUCCI E RAMOS DE OLIVEIRA 1999, p. 47).

Os autores acima citados, afirmam que esse tipo de procedimento lógico permite que possamos prever a relação custo benefício de todas as atividades sociais, pois se já sabemos como devemos nos comportar em todas as situações, é difícil não se render à racionalidade intrínseca a essa sociedade.

Mas existe a sensação de que algo está errado. Sensação que é mais forte ao observarmos a relação entre o desenvolvimento das forças produtivas, dos avanços técnicos, produtos engendrados pela divisão social do trabalho cada vez mais complexa, e a devastação irrefreável das naturezas interna e externa.

Na luta pela autopreservação, o homem fisicamente enfraquecido diante da natureza

constrói o sujeito racional. Para dominar a natureza externa, o homem tem de dominar a natureza interna, e é esse processo que constitui o “eu”. A consciência de si, a constituição do “eu” é a vitória sobre a própria natureza (...) Assim, a constituição de si se forja em contraposição à natureza. A razão possui, desde então, uma visão utilitarista da natureza e de si mesma. (MELANI, 2002, p. 45).

Horkheimer e Adorno refletiram com propriedade sobre a problemática da constituição do eu racional em contraposição à natureza. Para esses pensadores, já no mito estão presentes os princípios do esclarecimento.

O mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. (...) Muito cedo deixaram de ser um relato, para se tornarem uma doutrina. (...) Os mitos, como os encontraram os poetas trágicos, já se encontram sob o signo daquela disciplina e poder que Bacon enaltece como o objetivo a se alcançar”. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 23).

Os autores, ao analisarem a epopéia *Odisséia*, de Homero, destacaram a constituição do eu na trajetória do mito à razão. O sujeito nasce da luta contra as forças adversas da natureza. Na leitura de Melani (2002), as peripécias de Ulisses, personagem central na obra de Homero, nada mais são do que a formação da consciência de si. Segundo ele, Ulisses passa por diversos perigos, intempéries e lutas contra personagens míticos, e nessa luta contra a natureza é preciso de muita astúcia para lográ-la, de tal maneira que a constituição do “eu” é a constituição do astuto. “O logro constitui no predomínio dos fins humanos sobre a natureza, apesar da admita fragilidade” (MELANI, 2002, p. 45). O reconhecimento dessa fragilidade citada pelo autor seria o primeiro passo do logro à natureza. “Eis a vinculação do pensamento racional com o mito: o logro já está presente no sacrifício, nas cerimônias e nas ofertas aos deuses. Com o presente ofertado, o ser humano busca defender-se das ações dos deuses. A veneração é um instrumento de dominação” (MELANI, 2002, p. 45).

Nesse sentido, embora haja no mito muitas proximidades com a ciência, existem também algumas distinções.

Nos tempos da magia, a afirmação da identidade do crédulo estava em vínculo direto com a submissão aos mandos e desmandos das divindades, devidamente representadas pelos sacerdotes situados num plano mais elevado da hierarquia social. A formação do ego encontrava-se devidamente entrelaçada com a verificação desse poder regente. Porém, se na magia o feiticeiro se assemelhava ao poder invisível para poder controlar o fenômeno desejado, não há uma total identificação com esse mesmo poder. Existe ainda

a presença de uma certa singularidade histórica (...). É um cordeiro que tem que ser trocado e não qualquer outro animal. (ZUIN, PUCCI E RAMOS-DE-OLIVEIRA 1999, p. 49).

Essa passagem diz respeito ao fato de que a ciência não precisa de uma substituição específica, pois os animais utilizados nos experimentos são um mero exemplar, que podem ser facilmente descartados. Essa indiferença em relação ao sujeito pode ser confirmada também e principalmente na divisão social do trabalho.

O caso das sereias narrado no duodécimo canto da *Odisséia* é exemplar: Ulisses ordena a seus comandados que o amarrem ao mastro do navio, de modo que possa ouvir o canto sedutor das sereias sem correr o risco de morrer jogando-se ao mar. Por outro lado, se seus comandados estão com os membros livres para poderem remar, não conseguem ouvir os pedidos de seu senhor para que o soltem, pois estão com os ouvidos tampados com cera. Assim mais uma vez Ulisses consegue ludibriar o mito, uma vez que segue seus ditames, colocando seus comandados entre si e o objeto desejado.

Contudo a vitória do senhor não é total, ele paga um alto preço por isso, pois observei nessa narração a necessidade de Ulisses em se automutilar e sacrificar quando se amarra ao mastro não podendo se entregar completamente ao chamado canto sedutor da natureza. Já seus comandados também são alienados, pois com os ouvidos tampados não podem ouvir o canto das sereias, e ao mesmo tempo estão submetidos ao controle do senhor. Neste ponto acho interessante salientar uma questão que considero primordial: o gosto pela dor. O indivíduo para se sentir vivo num mundo de mortos, busca essa compensação na sensação de sentir dor e de se sacrificar. Agindo desta maneira ele se sente vivo nesta sociedade marcada pelo esfacelamento do sujeito. Todavia, Zuin, Pucci e Ramos-de-Oliveira (1999, p. 47), apontam que tanto o senhor quanto o escravo se encontram alienados, pois se o senhor se relaciona com a coisa por intermédio do servo, dependendo de seu comandado, perde o aspecto de independência a ele, que a trabalha diretamente, ou seja, entendo que neste processo está expressando claramente o processo de divisão social do trabalho.

Outro exemplo dessa relação entre progresso e barbárie, encontrado na narração do nono canto da *Odisséia*, e lembrado por Horkheimer e Adorno (1985), é o encontro de Ulisses com o gigante Polifemo. Para conseguir a vitória sobre o monstro que se alimenta de carne humana, Ulisses manipula o significado das

palavras. Ele diz chamar-se *Oudeis* (ninguém) palavra que possui um som muito parecido a *Odisseus* (Ulisses), dessa forma Ulisses consegue a atenção de Polifemo e o convence a embriagar-se de vinho, tendo assim a chance de fugir juntamente com seus homens daquela armadilha. Percebi nesse episódio a negação da própria identidade (quando o senhor se autodenomina ninguém), para logo após afirmar-se como sujeito. No entanto, o vitorioso *Odisseus* não pode manter-se atrelado a essa identidade, pois corre o risco de ficar aprisionado a ela. Sendo assim, quando já esta na sua embarcação, grita para Polifemo que foi *Odisseus* o responsável por sua decadência e é quase morto por uma pedra atirada pelo gigante. “A natureza definitivamente não se aquieta diante do progresso da racionalidade, fundado na sua negação e no seu distanciamento”. (ZUIN, PUCCI E RAMOS-DE-OLIVEIRA 1999, p. 51).

HORKHEIMER E ADORNO (1985, p.65), dizem que “a astúcia da autoconservação vive do processo que rege a relação entre a palavra e a coisa”. Zuin, Pucci e Ramos-de-Oliveira (1999), indicam que no período mágico, a palavra e a coisa estavam relacionadas numa relação de parentesco, de *mimese*. Já na ciência, há uma separação entre o objeto e o pensamento, de forma a fundamentar a construção do ego vinculado à realidade.

Com os exemplos expostos, já podemos aprofundar o que significa a dialética do *Esclarecimento*. Para ZUIN, PUCCI E RAMOS-DE-OLIVEIRA (1999, p. 51), “Todo o progresso material e espiritual obtido mediante a divisão social do trabalho não caminhou numa rua de mão única, pois a humanidade cada vez mais esclarecida é forçada a regredir a estágios mais primitivos”.

Assim podemos lembrar Freud (2000), quando diz que a civilização produz a anticivilização e a reforça progressivamente.

3.3 A INDÚSTRIA CULTURAL: O ESCLARECIMENTO COMO MISTIFICAÇÃO DAS MASSAS

Após essa breve familiarização com o pensamento de Horkheimer e Adorno na Dialética do Esclarecimento, podemos discutir mais detalhadamente os mecanismos que envolvem a indústria cultural, para posteriormente analisarmos sua relação com a prática dos professores de Educação Física do ensino médio.

O subtítulo do capítulo destinado a ela nos indica o caminho por onde os

autores seguem a discussão: *A Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*, sendo que esta é analisada como parte integrante das “astúcias” do esclarecimento.

Segundo VAZ (2003, p.63), a expressão indústria cultural foi empregada por Horkheimer e Adorno para “tentar compreender as condições de produção e reprodução social em uma de suas faces mais importantes, relacionada a mercadorização da cultura – sua banalização e reificação”.

Para melhor compreensão desse conceito, optei por seguir a divisão em sete sessões propostas por Steinert citado por Duarte (2003, p.50), segundo a qual seus aspectos específicos seriam os seguintes: 1 - a indústria, a produção de mercadorias culturais; 2 - o ‘hobbysta’ nas garras do ‘estilo’ da indústria cultural; 3 - as origens históricas no liberalismo, cultura como adestramento, diversão como disciplina; 4 - a atualidade da confiscação – (sobre) viver como jogo de azar, a promessa de obediência; 5 - provimento autoritário e a liquidação do trágico; 6 - o indivíduo confiscado, propaganda; 7 - cultura como reclame.

A primeira sessão “A indústria, a produção de mercadorias culturais” se inicia com a constatação de que o declínio da religião e de outros resquícios pré-capitalistas, como elementos estruturantes da sociedade, não levou ao caos cultural como previam muitos sociólogos, exatamente em seu lugar surgiram diversos outros mecanismos de cooptação ideológica, como o rádio, o cinema e as revistas. “Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança”. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 113).

Tal tendência é considerada pelos autores um tipo de “falsa identidade do particular e do universal”, como forma de generalização que tira dos indivíduos a possibilidade de expressões autônomas que interfiram sobre a totalidade social.

ADORNO (2000, p. 122), em seu famoso texto “Educação após Auschwitz”, comenta justamente sobre essa questão ao referir-se as tendências que permitiram um acontecimento como esse famoso campo de concentração nazista:

A pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destroçar o particular e individual justamente com seu potencial de resistência. Junto com sua identidade e seu potencial de resistência, as pessoas também perdem suas qualidades, graças a qual têm a capacidade de se contrapor ao que em qualquer tempo seduz ao crime.

E nesse aspecto a cultura é especialmente atingida, pois a autonomia da arte é desconsiderada em detrimento da organização fabril da confecção dos produtos da indústria cultural. HORKHEIMER E ADORNO (1985, p. 114) deixam claro nessa passagem, quais os interesses da indústria cultural com a arte: “Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem qualquer dúvida quanto à necessidade social de seus produtos”.

Entretanto, Duarte (2003, p. 51), adverte que a menção a “necessidade social de seus produtos” conote a uma demanda espontânea pelas mercadorias oferecidas pela indústria cultural, mas a partir de uma demanda genérica que leva em consideração não às necessidades do público, mas as da própria indústria e de todo sistema que a abriga:

Os padrões resultariam originalmente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. Na verdade, isso é o círculo de manipulação e necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema concentra-se cada vez mais densamente. Calase, aqui, sobre o fato de que o solo, sobre o qual a técnica adquire poder sobre a sociedade é o poder daqueles economicamente mais fortes sobre a sociedade. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 114).

Aqui podemos lembrar outro frankfurtiano, que aponta em suas reflexões sobre a sociedade administrada, a criação de “falsas necessidades” que ajudam na manutenção do sistema de consumo:

Podemos distinguir tanto as necessidades verídicas como as falsas necessidades. Falsas são aquelas super impostas ao indivíduo por interesses sociais particulares ao reprimi-lo: as necessidades que perturbam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça. Sua satisfação pode ser assaz agradável ao indivíduo, mas a felicidade deste não é uma condição que tem de ser mantida e protegida caso sirva para coibir o desenvolvimento da aptidão (dele e de outros) para reconhecer a moléstia do todo e aproveitar as oportunidades de cura. Então, o resultado é euforia na infelicidade. A maioria das necessidades comuns descansar, distrair-se, comportar-se e consumir de acordo com os anúncios, amar e odiar o que os outros amam e odeiam, pertencem a essa categoria de falsas necessidades. (MARCUSE, 1982, p.26 {grifos meus}).

Segundo o autor este tipo de necessidades tem uma função social determinadas por forças externas sobre o qual o indivíduo não tem controle nenhum. Marcuse argumenta que por mais que essas necessidades tenham se tornadas próprias de cada indivíduo elas continuam a ser o que eram inicialmente: produtos

de uma sociedade repressiva. Argumenta também que esse prevalecimento de necessidades repressivas é um fato consumado na sociedade administrada, pois é aceito na ignorância e na derrota. O autor sinaliza que as únicas necessidades que o homem têm o direito indiscutível são as necessidades vitais, tais como alimentação, vestuário, moradia e um nível elementar de cultura. Para o autor qualquer necessidade que não tenha o interesse social como principal razão de ser deve ser questionado se é “falso” ou “verdadeiro”. (MARCUSE 1982, p.26-27).

Complementando essa questão, lembro ZUIN (1997, p. 126), quando este diz:

A produção simbólica subordina-se cada vez mais à lógica da racionalidade instrumental. (...) Como vimos, em todas as esferas sociais podemos e devemos evitar a consciência dolorosa de que não somos livres e independentes tal como gostaríamos de ser. As frustrações que sofremos podem ser rapidamente atenuadas quando realizamos nossa ‘vontade’, ao adquirir um produto que possui a ‘nossa cara’ ou o nosso ‘jeito de ser’.

ZUIN (1997, p. 126), ainda alerta que, devido aos fatores que citou acima, precisamos compreender “como os indivíduos, atualmente, procuram ser sujeitos de suas ações muitas vezes por meio de ações coletivas próprias de regimes totalitários”.

O mesmo autor utiliza o conceito de narcisismo coletivo para explicar esta questão, em que os indivíduos ao estarem com o ego enfraquecido devido às mazelas que a sociedade administrada proporciona, entregam-se a um consumo desenfreado de produtos semiculturais a fim de se identificarem cada vez mais com o coletivo:

Nos regimes políticos aparentemente democráticos, atualmente, se realiza no consumo de produtos semiculturais. A despeito do consumo desenfreado, ou o sonho de fazê-lo, a sensação de vazio e mal-estar persiste cotidianamente. Com isso, favorece-se a propagação do processo de narcisismo coletivo em função da identificação proveniente do reconhecimento da identidade de consumidores, identidade esta legitimada e incentivada cotidianamente pelos meios de comunicação de massa. (ZUIN, 1997 p. 128 {grifos do autor}).

Dessa forma, por meio do consumo de produtos semiculturais, há uma apropriação dos comportamentos e valores considerados corretos e que estão associados aos produtos, ao *status* que tal produto concebe a quem consumi-lo.

Essa relação entre objeto e signo que ele porta foi muito discutido pelo

sociólogo francês, Jean Baudrillard, principalmente em seus livros: “*O Sistema dos Objetos* (1993)”, “*La génesis ideológica de las necesidades* (1976)” e “*A Sociedade do Consumo* (1970)”. O título deste último livro remete-nos inclusive a predominância, na atual etapa do capitalismo, dos objetos em sua forma sígnica, ou seja, a demanda se estrutura por valores sígnicos diferenciais sinalizados pelos ditames da moda.

SEVERIANO (2001, p. 47), referindo-se ao estudo de Baudrillard, acrescenta que “o objeto puro seria um ‘mito’, na medida em que ele sempre é definido de acordo com as relações que promove, seja em relação ao homem, seja em relação a outros objetos”. Sendo assim, é somente através dessas relações que o objeto adquire um estatuto próprio, seja de utensílio, de mercadoria, de símbolo ou de signo.

Outro ponto abordado por Horkheimer e Adorno nesta seção foi à preocupação em interpretar o significado dos aparatos tecnológicos vindo como uma das características da passagem do capitalismo liberal para o monopolista a evolução do rádio para o telefone:

Liberal, o telefone permitia que os participantes ainda desempenhassem o papel do sujeito. Democrático, o rádio transforma-os a todos igualmente em ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 114).

É importante enfatizar que o termo “democrático” denota nesta passagem, não o direito de voz do povo, mas o fato de que os dispositivos tecnológicos e reificantes da indústria cultural possibilitam uma comunicação de massa que aniquila gradualmente a autonomia dos ouvintes: “No quadro da rádio oficial, porém, todo traço de espontaneidade no público é dirigido e absorvido (...)”. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 115).

Por detrás do processo de massificação do produto veiculado pela indústria cultural, segundo Zuin (1995, p. 155), pode-se vislumbrar a promessa de que a produção cultural seria efetivamente reapropriada por todos. Dessa forma, não obstante o que ocorre é a (pseudo)democratização destes mesmos produtos.

É preciso ressaltar que em muitos espaços, a “democratização”, a inserção dos meios de comunicação de massa é exaltada. Observamos essa questão

principalmente no âmbito educacional através da internet, da educação à distância⁷, etc. O agravante disto, é que as discussões sobre esta temática pautam-se no acesso do maior número de pessoas sem levar-se em consideração por exemplo a qualidade no ensino. Recentemente, presenciei a fala de um coordenador de curso superior de Educação Física afirmar *ipsies literes* que o mais importante é existirem escola para todos independente de sua qualidade. Tal discurso expressa bem o significado dessa (pseudo)democratização, a democratização de uma semicultura embreagada de valores dominantes e reificantes, como mesmo descrevem HORKHEIMER E ADORNO (1995, p. 150):

A eliminação do privilégio da cultura pela venda em liquidação dos bens culturais não introduz as massas nas áreas de que eram antes excluídas, mas serve, ao contrário, nas condições sociais existentes, justamente para a decadência da cultura e para o progresso da incoerência bárbara.

Concordo com Duarte (2003, p. 52), na interpretação de que apesar de Horkheimer e Adorno deixarem claro em sua escrita o pertencimento da indústria cultural ao âmbito do capitalismo monopolista eles não negam a sua dependência da grande indústria, como a petroquímica, siderúrgica e eletro-eletrônica:

Se, em nossa época, a tendência social objetiva se encarna nas obscuras intenções subjetivas dos diretores gerais, estas são basicamente as dos setores mais poderosos da indústria: aço, petróleo, eletricidade, química. Comparados a esses, os monopólios culturais são fracos e dependentes. Eles têm que se apressar em dar razão aos verdadeiros donos do poder, para que sua esfera na sociedade de massas (...) não seja submetida há um espurgos. A dependência em que se encontra a mais poderosa sociedade radiofônica em face da indústria elétrica, ou a do cinema relativamente aos bancos, caracteriza a esfera inteira, cujos setores individuais por sua vez se interpenetram numa confusa trama econômica. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 115).

Os autores, dizem estar tudo tão estreitamente interligados que as linhas demarcatórias entre as diferentes firmas e setores técnicos podem ser facilmente confundidas. Assim, observam que as diferenças entre os produtos não levam em consideração suas características materiais, mas são orientados pelos interesses mercadológicos, para que assim todos possam consumir.

⁷ Muitas vezes estes meios de comunicação de massa acorrentam a autonomia do indivíduo, proporcionado-lhe uma educação danificada, contudo não podemos esquecer o caráter dialético desta questão que apresentarei no final deste capítulo.

Contudo, a esquematização do procedimento aparece em os produtos mecanicamente diferenciados revelarem-se, afinal de contas sempre iguais. Como é colocado por HORKHEIMER E ADORNO (1985, p.116):

(...) que a diferença entre a série Chrysler e a da General Motors seja substancialmente ilusória disso sabem até as crianças 'vidradas' por elas. As qualidades e as desvantagens discutidas pelos conhecedores servem tão só para manifestar uma aparência de concorrência e possibilidade de escolha.

Até mesmo as diferenças de valor orçado pela indústria cultural não tem nada haver com a diferença objetiva, com o significado dos produtos. Mesmo os meios técnicos tendem a uma crescente uniformidade recíproca.

Através dessa uniformização do todo podemos compreender a relação entre esclarecimento e modernidade: a falsa identidade do universal e do particular. Distinções enfáticas, como entre filmes de classe A e B, ou entre histórias em revistas a preços diversos servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los. Segundo HORKHEIMER E ADORNO (1985, p. 116), "algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas", imperando assim a serialização e a imitação. O fato de oferecer ao público uma hierarquia de qualidades em série, serve somente à sua quantificação.

Cada um deve-se portar "espontaneamente", segundo o seu nível, determinado à priori por índices estatísticos, e dirigir-se à categoria de produtos de massa que foi preparada para seu tipo. Todos têm direitos a uma etiqueta – como é característico da razão subjetiva, instrumental, ou da consciência coisificada. Cada um carrega consigo as marcas, os signos consumidos de acordo com sua situação econômica. Para que ninguém escape, a sociedade do consumo disponibiliza seus produtos a todos, e estes compram custe o que custar, seja nas infinitas parcelas "sem juros"⁸ ou no mercado paralelo das imitações e piratarias.

A partir dessas considerações é muito importante lembrarmos a consideração feita por Horkheimer e Adorno com relação ao nascimento da tecnologia da televisão como síntese do cinema e do rádio, pois a televisão aparece como mecanismo duplo de dominação, a imagem já não diz tudo, ela é complementada pela voz do comentador. Do primeiro herdou o poder sinestésico do

filme sonoro e do segundo a capacidade de flagrar os consumidores em suas casas em seus momentos de descontração, diversão e lazer, se é que eles existem nesta sociedade administrada.

A televisão tende a uma síntese do rádio e do cinema, retardada enquanto os interessados ainda não tenham conseguido um acordo satisfatório, mas cujas possibilidades ilimitadas prometem intensificar a tal ponto o empobrecimento dos materiais estéticos que a identidade apenas ligeiramente mascarada de todos os produtos da indústria cultural já amanhã poderá triunfar abertamente. (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p.116).

Rial (2002, p. 19), em trabalho discutindo o futebol e a televisão, afirma que com a aproximação da câmera nas partidas de futebol, a voz do locutor distanciou-se no sentido de libertar-se da descrição precisa do acontecimento, possibilitou-se assim que o locutor pudesse dar sua própria opinião sobre o jogo, muitas vezes sugestionando o pensamento do telespectador e fazendo desaparecer aquele tom sonhador ainda deixado pelo rádio. Dessa forma, surgiu o que chamamos de espetacularização, de banalização da imagem, que hoje tornou-se uma das principais preocupações das pessoas envolvidas com marketing e publicidade. Um exemplo disso, é a propaganda de um refrigerante veiculada há dois anos em que o seu slogan era “imagem é tudo, sede não é nada”, ou poderíamos entender também ter um corpo belo é tudo, o caráter, o senso crítico, a educação ficam para segundo plano.

Passando para a segunda seção, segundo a divisão de Steinert e intitulada “O ‘hobbysta’ nas garras do ‘estilo’ da indústria cultural”, começa com uma observação sobre o procedimento da indústria cultural.

Duarte (2003, p. 54), faz menção de que Horkheimer e Adorno se apropriam do conceito de Kant de esquematismo no sentido de mostrar em que medida uma instância exterior ao sujeito, industrialmente organizada no sentido de proporcionar rentabilidade ao capital investido, usurpa dele a capacidade de interpretar os dados fornecidos pelos sentidos segundo padrões que originariamente lhe eram internos. Horkheimer e Adorno expressam esta apropriação na seguinte passagem:

⁸ Até mesmo as cirurgias plásticas, lipoaspirações tem sido parceladas em várias vezes no cartão de crédito, assim qualquer um pode ser bonito como afirma a manchete da revista Veja de 07/01/2004.

A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria. O esquematismo é o primeiro serviço prestado por ela ao cliente. Na alma devia atuar um mecanismo secreto destinado a preparar os dados imediatos de modo a se ajustarem ao sistema da razão pura. Mas o segredo está hoje decifrado. Muito embora o planejamento do mecanismo pelos organizadores dos dados, isto é, pela indústria cultural, seja imposto a esta pelo peso da sociedade que permanece irracional apesar de toda racionalização, essa tendência fatal é transformada em sua passagem pelas agências do capital do modo a aparecer como o sábio desígnio dessas agências. Para o consumidor, não há mais nada a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, P. 117 {grifos meus}).

Os autores aqui apontam para uma previsibilidade nos produtos da indústria cultural que é forjada pela expropriação do “esquematismo”. Podemos observar essa previsibilidade, repetição e semelhança nos produtos sempre iguais da indústria cultural em outra passagem:

A breve seqüência de intervalos, fácil de memorizar, como mostrou a canção de sucesso; o fracasso temporário do herói, que ele sabe suportar como *good sport*⁹ que é; a boa palmada que a namorada recebe da mão forte do astro; sua rude reserva em face da herdeira mimada são, como todos os detalhes, clichês prontos para serem empregados arbitrariamente aqui e ali e completamente definidos pela finalidade que lhes cabe no esquema. Confirmá-lo, compondo-o, eis aí sua razão de ser. Desde o começo do filme já se sabe como ele termina, quem é recompensado, e, ao escutar a música ligeira, o ouvido treinado é perfeitamente capaz, desde de os primeiros compassos de adivinhar o desenvolvimento do tema e sente-se feliz quando ele tem lugar como previsto. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 117-118).

Duarte (2003, p. 55), levanta que esse processo contrasta, segundo Horkheimer e Adorno, com o da arte autônoma que não é dominada pelos imperativos do mercado nem da manutenção do *status quo*. Isso se torna claro ao observarmos o elemento particular, o detalhe, numa composição da arte convencional: “ele significa o momento imprevisto que, assim mesmo, é assimilado em função de sua reciprocidade com relação ao todo”. Assim:

Emancipando-se, o detalhe tornara-se rebelde e, do romantismo ao expressionismo, afirmara-se como expressão indômita, como veículo de protesto contra a organização (...). A tudo isso deu fim a indústria cultural mediante a totalidade. Ela atinge igualmente o todo e a parte. O todo se antepõe inexoravelmente aos detalhes como algo sem relação com eles. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 118).

⁹ “*Good sport*” é um termo utilizado por Horkheimer e Adorno para designar aquele que é bom perdedor.

Dessa forma o todo e o detalhe exibem os mesmos traços, sendo que entre eles não existe nem mais oposição nem ligação. Um exemplo disso foi à criação do filme sonoro na década de 20, o qual permitiu que a mercadoria cultural tornasse-se o prolongamento da vida cotidiana e dela não se distinguisse mais, o que contribuiu para o aparecimento da “reprodução simples do espírito”. Não que a mercadoria cultural não seja suficientemente elaborada, ao contrário, Horkheimer e Adorno chamam a atenção para a sutileza dos meios na confecção do produto industrial, o que se torna mais um elemento no logro contra o consumidor:

Tudo o que vem a público está tão profundamente marcado que nada pode surgir sem exibir de antemão os traços do jargão e sem credenciar à aprovação ao primeiro olhar. Os grandes astros, porém, os que produzem e reproduzem, são aqueles que falam o jargão com tanta facilidade, espontaneidade e alegria como se fosse a linguagem que ele, no entanto, há muito reduziu ao silêncio. Eis aí o ideal do natural neste ramo. (HORKHEIMER e ADORNO, 1985 p. 120).

A respeito dessa citação, Duarte (2003, p. 56), diz que esse “servir a verdade” das obras de arte se manifesta em sua promessa de felicidade, que, mesmo não constituindo em si mesma a reconciliação, permite um aprimoramento intelectual que se choca frontalmente com a menoridade eterna proposta, isso quando ela não é imposta pela indústria cultural.

Na terceira seção, “As origens históricas no liberalismo, cultura como adestramento, diversão como disciplina”, os autores retomam a discussão sobre o estilo, a idéia da indústria cultural como um enclave oriundo do capitalismo liberal em plena vigência do capitalismo monopolista: “A indústria cultural, o mais inflexível de todos os estilos, revela-se como a meta do liberalismo, ao qual se censura a falta de estilo” (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 123).

De acordo com Duarte (2003, p. 58), um dos elementos críticos mais marcantes apresentados nesta seção é a indicação de que a partir da necessidade de conferir, por um lado, certa possibilidade de escolha à clientela e por outro, garantir a lucratividade e a adesão ideológica incondicional ao sistema que perfazem a razão de ser da indústria cultural, seus agentes estimulam no público o conformismo, o qual, não raro se manifesta numa espécie de masoquismo. E lembrando HORKHEIMER E ADORNO (1985, p. 125), quanto da censura dos produtos: “O amor funesto do povo pelo mal que a ele se faz, chega a se antecipar à astúcia das instâncias de controle”, isso demonstra os esforços na tentativa de

manter longe o contato com novidades perigosas, ainda que no âmbito da cultura:

O que é novo na fase da cultura de massas em comparação a fase do liberalismo avançado é a exclusão do novo. A máquina gira sem sair do lugar. O menor acréscimo ao inventário cultural comprovado é um risco excessivo. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 126).

Outro ponto abordado nesta questão é a discussão acerca do entretenimento, contudo, Duarte (2003, p. 58), alerta para não pensarmos, como é visto freqüentemente, como uma pura e simples condenação do entretenimento pelos autores. Aquilo em relação a que eles se posicionam contra é a fusão do entretenimento e a cultura que para os frankfurtianos é típica da indústria cultural:

A indústria cultural é, antes de tudo, um negócio que tem seu sucesso condicionado a empréstimos e fusões da cultura, da arte e da distração, subordinando-se totalmente às já mencionadas finalidades de lucro e de obtenção de conformidade ao status quo. (DUARTE, 2003, p. 59).

A partir disso, compreendemos a mencionada sobrevivência do mercado que possui um fundamento econômico determinado pela necessidade de ajustar a oferta às demandas, num mecanismo já referido anteriormente, que visa oferecer ao público aquilo que aparentemente ele “necessita”, o que seriam o termo designado por Marcuse (1982), como “falsas necessidades”. Horkheimer e Adorno também fazem alusão dessas falsas necessidades quando dizem que:

A demanda não é substituída por pura e simples obediência. (...) A verdade em tudo isso é que o poder da indústria cultural reside em sua identificação com a necessidade produzida, não em oposição a ela como se fosse aquela da onipotência e impotência. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. {grifos meus})

Um dos pontos que considero mais importantes nesta seção e que será muito discutido no capítulo quatro é referente à tarefa de gerar adaptações ao processo produtivo. Horkheimer e Adorno (1985), neste sentido chamam a atenção para a característica de repetitividade das mercadorias culturais, que são consideradas um prolongamento do trabalho na fábrica ou no escritório. E é por isso que no consumo da mercadoria cultural “toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada” (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 128). Aqui a tendência masoquista do público ganha uma nova dimensão, que é

manifesta no que os autores chamam de “crueldade organizada” dos desenhos animados, tudo em prol da manutenção do *status quo*, ou seja a miséria em que a maioria da população vive, seja física ou intelectualmente:

Na medida em que os filmes de animação fazem mais do que habituar os sentidos ao novo ritmo, eles inculcam em todas as cabeças a antiga verdade de que a condição de vida nesta sociedade é o desgaste contínuo, o esmagamento de toda resistência individual. Assim como o Pato Donald nos cartoons, assim também os desgraçados na vida real recebem a sua sova para que os espectadores possam se acostumar com a que eles próprios recebem. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 130).

Outras alusões feitas por Horkheimer e Adorno (1985), como a do comensal que deve se contentar apenas com a leitura do cardápio (p.131), e a comparação do show *businnes* com o ritual de Tântalo (p. 131), deixam claro segundo Duarte (2003, p.60), a associação que os autores fazem da indústria cultural com a conceituação psicanalítica sobre a ameaça de castração. De acordo com o autor, essa ameaça se torna fundamental no sentido de explicar por que o capitalismo tardio se vale da indústria cultural para sua manutenção, pois “concede mais ‘liberdade de expressão’ aos cidadãos, na medida em que tolera muito bem as críticas às suas instituições”. (DUARTE, 2003, p. 60). Assim tais críticas deixam intocados os fundamentos da exploração na medida em que não toquem na ameaça de castração:

Contrariamente ao que se passa na era liberal, a cultura industrializada pode se permitir, tanto quanto a cultura nacional popular (*volksisch*) no fascismo, a indignação com o capitalismo, o que ela não pode se permitir é a abdicação da ameaça de castração. Pois essa é sua própria essência.(HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 132).

É como afirma Zuin, referindo-se a este sistema paradoxal:

O perverso desse sistema é que tanto a debilidade como a melancolia só podem ser atenuadas por meio do consumo desses bens semiculturais, dando a ilusão de que se reapropria da capacidade de decidir e de controlar a sua própria vida. Qualquer produto cultural que implique num mínimo de reflexão dessa debilidade é devidamente evitado, pois implica, em sua essência, na possibilidade de vislumbre de alternativas de identidade e de outras realidades. Por isso a constatação de tal contato com o distinto faz-se suportável, já que implicaria nessas possíveis mudança de consciência. O proibido revela-se na possibilidade de mudança do status quo. (ZUIN, 1995 p. 159 {grifos meus}).

Partindo para a seção sobre “A atualidade da confiscação - (sobre)viver como jogo de azar, a promessa da obediência”, Duarte (2003, p.61), aponta que soma-se aos procedimentos já identificados típicos da indústria cultural, uma outra característica que é a “introdução do cálculo de probabilidade como um método para eliminar o acaso, fazer com que esse coincida, no limite, com uma espécie de destino fatídico.” Esse poder ser um milionário da noite para o dia ou a dona de casa que foi sorteada no concurso promovido pelo sabão em pó, ou do desconhecido que teve seu “talento” revelado no programa de calouros. Isso porque a simples possibilidade matemática de ser contemplado já é vendida ao público como a própria contemplação.

A indústria cultural, chega a ser então irônica, que vemos na novela do horário nobre, exibida recentemente, pessoas “comuns” se sujeitando a qualquer coisa na ilusão, criada pela própria indústria cultural, de ser uma celebridade.

Zuin (1998, p. 131), ao falar sobre os ícones construídos pela indústria cultural, transcreve uma reportagem escrita por Jurandir Freire Costa (1994), no artigo “Desiguais na vida e na morte”, o qual mostra que mesmo essa tendência em tornar todos iguais, esse mecanismo contem o caráter perverso e cruel da exclusão. A reportagem trata-se da morte por atropelamento de Rosilene de Almeida, no Rio de Janeiro, que só teve a identidade reconhecida através das digitais. O autor da reportagem, levanta uma ironia mórbida, pois este acontecimento é concomitante com a morte de Ayrton Senna, que fez todo Brasil chorar, inclusive aqueles motoristas que continuam atropelando e matando pessoas por aí. ZUIN (1998, p. 133), ainda complementa: “Se fosse possível fazer uma alegoria, poderíamos dizer que a morte do sujeito encontra-se eminentemente entrelaçada com a eleição desses ícones globais”.

Por outro lado, a generalização de que pode ser qualquer um o felizardo sorteado ou escolhido, repete, através dos meios tecnológicos a própria ideologia:

Agora os felizardos na tela são exemplares do mesmo gênero que todos os do público, mas nessa identidade está posta a intransponível separação dos elementos humanos. A completa semelhança é a diferença absoluta. A identidade do gênero proíbe a dos casos. A indústria cultural realizou maldosamente o homem em ser genérico. (ADORNO e HORBKHEIMER, 1895, p. 136).

Duarte (2003, p. 62), afirma muito bem que esse processo de ser genérico, não se aplica apenas aos sorteios e concursos, mas também permeia todo processo de seleção - inclusive o mercado de trabalho - como uma tendência geral do capitalismo monopolista:

É justamente porque as forças da sociedade já se desenvolveram no caminho da racionalidade, a tal ponto que qualquer um poderia tornar-se um engenheiro ou um manager, que se tornou inteiramente irracional a escolha da pessoa em que a sociedade deve investir uma formação prévia ou a confiança para o exercício dessas funções. (Horkheimer e Adorno, 1985, p. 137).

O concurso dessa irracionalidade sobre a base de uma produção que se tornou racionalizada, como escreve Duarte (2003, p. 62), reduziu segundo os autores da Dialética do Esclarecimento, a humanidade inteira à condição de clientes ou empregados da indústria.

A utilização dos meios tecnológicos para a confecção de produtos culturais significou uma grande transformação na própria concepção de ideologia, pois enquanto as formas tradicionais de ideologia eram veiculadas mediante a interpretação da realidade, a nova ideologia tem por objeto o mundo enquanto reprodução daquilo que se vê na TV, ou escuta-se no rádio. Afinal: “para demonstrar a divindade do real, a indústria cultural limita-se a repeti-lo cnicamente. Uma prova fotológica como essa, na verdade, não é rigorosa, mas é avassaladora”. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p.138). Pois, segundo esses mesmos autores (1985, p. 139), assim como nos processos cíclicos da natureza como na indústria o que é salutar é o que se repete. “Eternamente sorriem os mesmos bebês nas revistas, eternamente ecoa o estrondo da máquina de jazz¹⁰”.

Na quinta seção, intitulada por Steinert “Provimento autoritário e a liquidação do trágico”, os autores escrevem sobre a ambientação social, tendencialmente totalitária, propícia à indústria cultural, que não admite espaço para manifestações individuais diferentes daquilo que é regulamento. Não se trata de um regime totalitário, pois, a liberdade formal de cada um está garantida, mas numa sociedade na qual só tem as melhores chances àqueles que se submetem ao sistema. A felicidade só é conquistada adaptando-se.

¹⁰ O jazz já fazia parte do inventário crítico de Adorno desde a redação dos ensaios sobre a situação social da música, escritos no final dos anos 30.

Daí os procedimentos do sistema produtivo, como lembra Duarte (2003, p. 63), referindo-se a Horkheimer e Adorno, no sentido de gerar um compromisso afetivo dos indivíduos com o sistema, expresso na ênfase dada ao companheirismo no trabalho, incentivada pela própria empresa, a fim de aumentar a lucratividade, ou ainda a ginástica laboral e os jogos cooperativos, que vêm sendo muito discutidos no interior da Educação Física, mas que no final tem o mesmo objetivo, de adaptabilidade do indivíduo ao sistema de produção. Dessa forma, como coloca Duarte (2003, p.63), a conexão aos expedientes da cultura de massa é uma consequência óbvia desses procedimentos: “Essa ‘assistência de inverno’ espiritual lança uma sombra conciliatória sobre os produtos audiovisuais da indústria cultural muito antes que esse auxílio saia da fábrica e se estenda sobre toda a sociedade”. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 141).

É nesse quadro, segundo Duarte (2003, p. 63), que surge a referência ao trágico como “um exemplo da possibilidade de o indivíduo se defrontar com as forças muito mais poderosas do que ele com uma chance de – mesmo que venha a ser derrotado – deixar sua própria marca e servir de exemplo e inspiração para os pósteros”. A tragédia referida aqui seria a morte do sujeito, causada por dentre outras instâncias reguladoras da sociedade, pela indústria cultural. Esse mecanismo acaba se apropriando até mesmo daqueles que tentam resistir a ele. Um exemplo que gosto de utilizar para ilustrar esta questão é o da cultura *Hip-Hop*, que nasceu como um movimento de resistência a toda essa sociedade burguesa e que aos poucos vem sendo apropriada pela indústria cultural, através de *cds*, sites na internet e marcas de roupa, inclusive recentemente foi lançada uma marca de roupa cujo *slogan* era: “Pura Mania é Hip-Hop, Hip-Hop é Pura Mania”, sendo que Pura Mania é uma marca de roupa.

Mas no âmbito da indústria cultural por sua própria vinculação à inarredável sedimentação estética do trágico, esse se encontra ameaçado de extinção pelo fato de que tendem a desaparecer os corajosos para se diferentemente da massa, que geralmente é reprodutora da ideologia dominante.

A mentira não recua diante do trágico. Assim como a sociedade total não elimina o sofrimento de seus membros, mas o registra e planeja, do mesmo modo a cultura de massa procede com o trágico. Daí seus insistentes empréstimos à arte. Ela fornece a substância trágica que a pura diversão não pode se manter fiel de uma ou de outra maneira ao princípio da reprodução exata do fenômeno. (...) O trágico é reduzido à ameaça da destruição de quem não coopera, ao passo que seu sentido paradoxal

consistia outrora numa resistência desesperada à ameaça mítica. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p.141-142).

Ao invés da indústria cultural permitir a sublimação – a passagem da pulsão para o campo estético, o que permitiria uma satisfação mediatizada culturalmente –, a indústria cultural a reprime. E como diria Seligmann-Silva (2003, p. 70), referindo-se a indústria cultural:

Ela é moralista na mesma medida em que é pornográfica. Aquilo que ela nega – o prazer autêntico – é substituído pela indústria do erotismo. Do mesmo modo, a catarse, a noção central da teoria aristotélica da tragédia, é revelada pela indústria cultural em seu momento de “purificação das paixões”, que contribui para o esquecimento e estultificação, pois se a arte “diverte”, ela também o faz na medida em que apaga o sofrimento cobrado para o funcionamento da sociedade.

O próprio conceito clássico é apropriado pela indústria cultural e adequado aos fins desta. Ele tanto se torna um acessório na construção de um mundo “autêntico” – o que os filósofos da escola de Frankfurt chamaram de sociedade administrada - como é reduzido à noção de destino, à ameaça de destruição de quem não coopera, e originalmente, o trágico encarnava a resistência à ameaça mítica de desintegração do eu. Adorno recorda assim que a oposição dos indivíduos à sociedade constituía seu cerne, mas hoje:

(...) o trágico dissolveu-se neste nada que é a falsa identidade da sociedade e do sujeito, cujo horror ainda se pode divisar fugidamente na aparência nula do trágico. Mas o milagre da integração (...) significa o fascismo. (...) A liquidação do trágico confirma a eliminação do indivíduo.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 144).

Segundo Seligmann-Silva (2003, p.71) a unidade da personalidade é desmascarada como mera aparência necessária à realização da pulsão para a identidade: a imitação do último gesto em moda. Assim toda cultura é de acordo com o autor “analisada como mercadoria paradoxal, que em sua onipresença escapa à própria troca e se funde com a publicidade”. Assim como também o corpo que carrega em si, mesmo que discretos, *altdoors*, etiquetas com preços, *slogans* comerciais e belas aparências prontas para serem vendidas.

Baudrillard (1991, p.15) faz alusão ao processo por qual passa o corpo bombardeado por informações, signos, que na fração de segundos são fixados pelo

desejo de integração social de milhares de pessoas. O desejo de tornar-se igual é acrescido pela insistente semelhança apresentada pela indústria cultural. Como na analogia da criança – lobo apresentada por Baudrillard (1991, p. 15), “como a criança-lobo se torna lobo à força de com eles viver, também nós, pouco a pouco, nos tornamos funcionais. Vivemos o tempo dos objetos: quero dizer que existimos segundo o seu ritmo e em conformidade com a sucessão permanente”. E ainda: “os homens da opulência não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros homens, mas mais por objectos”.

Relacionada a esta questão esta a crítica ao jazz, Horkheimer e Adorno agora enfatizam o seu principal elemento rítmico, a síncope, que é interpretada por eles como um símbolo de resignação e de conformismo de um sistema aparentemente onipotente: “Todos podem ser como a sociedade toda-podera, todos podem se tornar felizes, desde que se entreguem de corpo e alma, desde que renunciem à pretensão de felicidade (...). A liquidação do trágico confirma a eliminação do indivíduo.” (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 144).

Na sexta seção “O indivíduo confiscado, propaganda”, Duarte (2003, p. 65), aponta que a despotencialização do trágico é retomada a partir da noção de “pseudo-individualidade”, que seria a ideologia da privacidade como um pretexto para encobrir o fato de que os indivíduos não têm mais por si mesmos o poder de decisão, mesmo sobre os pequenos detalhes de sua intimidade. Dessa forma “o principal requisito tragédia – um elemento individual que se mede com as potências universais -fica totalmente eliminado”. (DUARTE, 1985, p. 65). Dessa forma, “é só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas meras encruzilhadas das tendências do universal, que é possível reintegrá-los na universalidade”. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 145).

Duarte (2003, p. 65), devida à esses fatores, afirma que “o público, já previamente anestesiado em virtude de tantos solavancos no mundo do trabalho e do bombardeio de imagens e sons da indústria cultural, ‘agradece’ a ela a possibilidade de evitar o esforço de individuação”, e dessa forma alterar a configuração da totalidade social:

Nos rostos dos heróis do cinema ou das pessoas privadas, confeccionadas segundo o modelo das capas de revistas, dissipa-se uma aparência na qual, de resto, ninguém mais acredita, e o amor por

esses modelos de heróis nutre-se da secreta satisfação de estar afinal dispensado de esforço da individuação pelo esforço (mais penoso, é verdade) da imitação. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 146).

ZUIN (1998, p. 122-123), comenta muito bem essa questão:

Na consolidação da subjetividade reificada, a composição das identidades afasta-se cada vez mais da reflexão e do inconformismo frente à barbárie. Fica difícil ter consciência de que projetamos nossos impulsos e sentimentos mais íntimos nos objetos que parecem ser portadores dos valores cobiçados por todos. Na constatação aparentemente inocente de que amamos nosso automóveis esconde-se tanto o repúdio ao nosso “semelhante” como a própria desumanização.

Aliado à esta questão o autor desenvolve, ao apropriar-se do conceito freudiano, o conceito de narcisismo. Esse fenômeno é propiciado pela sensação de vazio e mal-estar que persiste cotidianamente, que permite a identificação proveniente do reconhecimento coletivo da identidade de consumidores, identidade esta legitimada pelos meios de comunicação de massa. Segundo ZUIN (1998, p. 128):

(...) por meio do consumo de produtos semiculturais o indivíduo se apropria dos comportamentos e valores considerados corretos e que estão associados aos produtos. O desejo de onipotência que ele sente por fazer parte de um grupo de consumo obnubila uma situação social na qual os comportamentos e valores já se encontram elaborados de antemão.

Mais uma vez aqui, a existência das obras de arte autônomas serve como balizamento para a abordagem crítica das mercadorias culturais, elas “negam o caráter mercantil da sociedade pelo simples fato de seguirem sua própria lei”. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p.147), contudo as contradições desse processo serão trabalhadas melhor no sub-capítulo “A dialética da indústria cultural”.

Duarte (2003, p. 65), levanta um ponto interessante na obra dos frankfurtianos influenciada por Kant, quando este fala em uma “finalidade sem fim”, concepção importante para compreender o fetichismo da mercadoria cultural. Nessa concepção, a obra de arte subtrai-se de qualquer utilidade prática imediata, e reporta-se segundo Duarte à “Crítica da faculdade de julgar”, segundo a qual o juízo que se faz do objeto belo é desprovida de qualquer interesse, e sim parte de um prazer desinteressado.

Horkheimer e Adorno se apropriam dessa desvinculação dos objetos considerados belos e desígnios imediatos da vida prática para entender a inversão operada pela indústria cultural. Segundo os autores, “o princípio da estética idealista, a finalidade sem fim, é a inversão do esquema a que obedece socialmente a arte burguesa: a falta de finalidade para os fins determinados pelo mercado” (1985, p. 148). Duarte (2003, p. 66), comenta então que a autonomia da arte, por assim dizer, “inspira” a indústria cultural na efetuação de uma sobrevalorização de suas mercadorias, não em função de sua utilidade, mas de sua virtual “inutilidade”, trazendo para o rol dos objetos de *status* tudo aquilo que é supérfluo e acabando por destruir a sutil dialética entre utilidade e inutilidade, típica dos objetivos estéticos. O que resta então é o valor de troca da ostentação:

O que se poderia chamar de valor de uso na recepção dos bens culturais é substituído pelo valor de troca; ao invés do prazer, o que se busca é assistir e estar informado, o que se quer é conquistar prestígio e não se tornar um conhecedor (...). O valor de uso da arte, seu ser, é considerado como um fetiche, e o fetiche, a avaliação social que é erroneamente entendida como hierarquia das obras de arte – torna-se seu único valor de uso, a única qualidade da qual elas desfrutam. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p.148).

A realização do fetichismo na mercadoria cultural depende de várias instâncias sociais, o que para Horkheimer e Adorno é desempenhado principalmente pela rádio comercial devido a sua estrutura rígida e consolidada. Entretanto, para Duarte (2003, p. 68), essa tendência autoritária do sistema radiofônico, coincide com a já citada democratização da informação.

Na sétima e última seção, denominada “Cultura como reclame” é explicitado o caráter publicitário assumido pela cultura sob a égide do capitalismo tardio, e na minha opinião é a seção em que os frankfurtianos fazem maior menção ao corpo.

Um dos principais pontos que Horkheimer e Adorno, trabalham é a confluência quase total entre o produto propriamente dito e a mensagem do patrocinador, e ainda a invasão desses reclames nas principais revistas ilustradas norte-americanas.

Segundo Duarte (2003, p. 68), para Horkheimer e Adorno, a publicidade aparece como um dos principais responsáveis pela inserção da indústria cultural no âmbito da dialética do esclarecimento: “da regressão à mitologia diante um – unilateral – desenvolvimento superlativo da racionalidade”. Segundo ele, isso torna-

se visível na associação feita pelos autores, entre a supostamente superobjetiva linguagem publicitária e a extrema funcionalização da linguagem positivista, “as quais desembocam numa forma de petrificação que se assemelha aos sortilégios da magia que se acredita ter sido superada”:

Pois quanto mais completamente a linguagem se absorve na comunicação, quanto mais as palavras se convertem de veículos substanciais do significado em signos destituídos de qualidade, quanto maior a pureza e a transparência com que transmitem o que se quer dizer, mais impenetráveis elas se tornam. (...) Mas deste modo a palavra, que não deve significar mais nada e agora só pode designar, fica tão fixada na coisa que ela se torna uma fórmula petrificada. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 153).

Para os autores da Dialética do Esclarecimento, a repetição cega e rapidamente difundida de palavras liga a publicidade à palavra de ordem totalitária. Dessa forma, inúmeras pessoas se apropriam de palavras, valores e ideais que nem mesmo sabem o que significam, ou empregam, segundo os autores, seu valor behaviorista, assim como marcas comerciais, que acabam por aderir tanto mais a seus objetos, quanto menos a linguagem é captada. Essas palavras aos poucos traduzem-se em marcas deixadas nos corpos, em etiquetas e comportamentos padronizados, pois “a linguagem e os gestos dos ouvintes e espectadores, até mesmo naquelas nuances que nenhum método experimental conseguiu captar até agora, estão impregnados mais fortemente do que nunca pelos esquemas da indústria cultural”. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 156).

Antônio Alvarez Zuin, apropria-se dessa discussão e escreve o seguinte a respeito do corpo: “a publicização do corpo, ou seja, o corpo que se torna publicidade de si mesmo, como se fosse uma mercadoria que precisa chamar a atenção do consumidor em meio a tantas outras” (ZUIN, 2003, p. 41), e a saída que encontra para isso é o consumo de signos corporais como *piercings*, roupas de marca, cortes de cabelo, entre outros.

A respeito ainda desta questão, e falando propriamente do culto ao corpo ele acrescenta que aqueles mesmos jovens que vivem no ritmo alucinante das academias de ginástica, são os mesmos que após saírem das aulas de aeróbica e *spinning*, vestem as camisas com propagandas do curso de inglês realizado em Cambridge, da visita à Disney no verão passado, do rosto de Che Guevara ou de algum grupo em defesa do meio ambiente. Pois segundo ele:

É a posse de logotipos que está em jogo, ou seja numa sociedade na qual tanto as coisas quanto as pessoas se tornam cada vez mais substituíveis, faz-se necessário a demarcação de algum tipo de ícone que possibilite o reconhecimento imediato daquele que o porta, que deixe algum vestígio. (ZUIN, 2003, p. 40).

Dessa forma, como o próprio Zuin intitula seu artigo, o corpo torna-se uma publicidade ambulante. O que essas pessoas não imaginam é que ao invés de construírem uma personalidade através destes atos, como pensam, elas acabam perdendo sua identidade sendo somente mais um igual numa sociedade de iguais.

Gostaria de finalizar esse sub-capítulo com a citação final do capítulo da indústria cultural:

As mais íntimas reações das pessoas estão tão completamente reificadas para elas próprias que a idéia de algo peculiar a elas só perdura na mais extrema abstração: *personality* significa para elas pouco mais do que possuir dentes deslumbrantemente brancos e estar livres do suor nas axilas e das emoções. Eis aí o triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, decifram muito bem. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 156).

3.4 A DIALÉTICA DA INDÚSTRIA CULTURAL

Na verdade, não há como negar o fato de que o homem, ao transformar o mundo externo, transforma-se internamente, ao mesmo tempo que modifica as relações estabelecidas com os outros. (ZUIN, 1995, p. 155).

Apesar, de principalmente Horkheimer e Adorno, fazerem dura crítica a indústria cultural, como acompanhamos no decorrer deste capítulo, não podemos deixar de lado seu caráter dialético, fundamental quando pensamos na educação hoje.

Devemos pensar nessa dialética, pois os produtos culturais são objetivações que podem ser utilizadas tanto para a narcotização, quanto para a emancipação das consciências.

Segundo Zuin (1995, p. 155), apesar da tendência atual voltar-se mais para a homogeneização das consciências, através dos produtos semiculturais, os produzidos e vendidos pela indústria cultural, justamente por serem estes objetivações humanas são, como tais, passíveis de mudanças. Pois, o mesmo autor

argumenta que “na realidade não há como separar a produção cultural da própria sociedade que a engrenou” (ZUIN, 1995, p. 155), e com isso não podemos negar a mediação humana presente no âmago do produto cultural.

Sem dúvidas, os frankfurtianos criticam a concepção de cultura que sente asco apenas em pensar na possibilidade de todos os produtos artísticos, são originários de condições materiais objetivas, respaldadas na debilidade de milhões de pessoas, pois essa concepção de cultura tenta afastar de todas as formas as suas próprias origens: o produto da divisão humana entre trabalho manual e espiritual e todas as relações de exploração subjacentes. E como bem coloca ZUIN (1995, p. 156), “não há como abstrair a cultura da civilização humana”.

O mesmo autor acima citado, afirma que o próprio Adorno sente-se aliviado quando um autor do porte de Freud contesta esta separação. Para o pai da psicanálise, cultura e civilização fazem parte do mesmo processo e interdependentes:

Por um lado, (a cultura) compreende todo o saber e a capacidade que os homens adquiriram para dominar as forças da natureza e obter os bens que satisfazem as necessidades humanas; e, por outro, todas as instituições necessárias para reger as relações dos homens entre si e, especialmente, a distribuição dos bens naturais obtidos. (FREUD citado por ZUIN, 1995, p.156).

A autonomia dos produtos culturais na burguesia foi consolidada através da reprodução de relações de produções antagônicas. Segundo Zuin (1995, p. 157), ao mesmo tempo em que expressava seu próprio caráter autônomo, fazia-se presente a denúncia das relações antagônicas presentes na sociedade.

Essas relações referem-se ao fato de que determinados indivíduos puderam gerar e desfrutar das atividades culturais às expensas da debilidade material e espiritual de milhões de pessoas.

De acordo com Zuin (1995, p. 157), a grande contradição que revela o caráter ambíguo da produção artística é a de que “os produtos artísticos portadores de um conteúdo de verdade tinham como condição de existência uma certa independência, um certo distanciamento da própria sociedade que a produziu”. Esta era a forma de resistência da arte.

Para o autor acima citado o produto artístico foi cristalizado de tal forma que suas origens materiais ficaram obscurecidas, não deixando de representar um

protesto estético contra a tendência da heteronomia do valor de uso em relação ao valor de troca, tendência esta cada vez mais presente na sociedade burguesa e pressuposto da indústria cultural.

Diferente da independência da obra de arte, que faz uma crítica à sociedade, a indústria cultural “liberta o desejo de todas as suas amarras, desaparece a tensão social e consolida-se o reinado de harmonia, da subordinação aos critérios e normas estabelecidas” (ZUIN, 1995, p. 157). O preço pago então é a perda gradativa da própria humanidade.

Contudo para Costa (1995, p. 187), a indústria cultural, apesar do caráter sistêmico da produção da cultura e das normas de fragmentação da informação e de seleção de fatos tornados públicos, ela não deve representar controle absoluto ao ponto de esmagar toda a resistência individual. Dessa forma o autor considera necessário enfatizar que:

(...) torna-se necessário enfatizar que o campo simbólico de legitimação da cultura dominante encontra nos meios de comunicação um terreno estratégico para a generalização da ideologia, no sentido da falsa consciência, dos grupos hegemônicos. Contudo, apesar da produção de bens culturais tecnicamente padronizados e distribuídos a uma massa indiferenciada de pessoas, não se pode atribuir à indústria cultural poder absoluto de reprodução da cultura dominante, da estrutura societária e do modelo econômico que ela serve. (COSTA, 1995, p. 185).

ORTIZ (1998, p. 121), também lembra uma dimensão importante do fenômeno cultural: “uma obra de cultura sempre carrega uma dose de ambigüidade, uma tensão interna, decorrente da necessidade de acionar a energia e a inventividade dos trabalhadores que a elaboram”.

LINS DA SILVA citado por COSTA (1995, p. 192), argumenta que: “não é necessariamente verdade que todos os trabalhadores recebem as mensagens da televisão passiva e acriticamente e que façam da visão de mundo que lhes apresenta, a sua”, e levanta três aspectos que contribuem para melhorar o senso crítico diante os meios de comunicação de massa.

- 1.O grau de interferência de outras fontes, além da TV, na formação da representação da realidade de uma pessoa, dando-lhe maior oportunidade de duvidar, criticar e rejeitar o que ela vê no televisor;
- 2.O grau de conhecimento pessoal que o indivíduo tem em relação a um determinado assunto;
- 3.O conhecimento da pessoa sobre a natureza do veículo e seu acesso a ele.

Entretanto não podemos, através destes argumentos, sobrepôr a idéia de que na maioria das vezes a indústria cultural serve à hegemonia, no sentido atribuído por Gramsci. Concordo com os autores quando estes dizem que a indústria cultural sozinha não produz consciências reificadas, pois não necessariamente todos os ouvintes, telespectadores, aceitam as suas informações passivamente. Ela produz sim a barbárie, mas em conjunto com outras instâncias sociais¹¹ formando assim um sistema, tornado-se mais um mecanismo de dominação política.

Acredito que um dos caminhos para que a indústria cultural não tenha tanta influência sobre nós, é uma formação que atente para as ciências humanas, possibilitando ao indivíduo uma consciência crítica e emancipada, lembrando a citação de ADORNO (2000, p. 121): "É necessário contrapor-se a uma tal ausência, é preciso evitar que as pessoas golpeiam para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica".

¹¹ Uma dessas instâncias reguladoras da sociedade é a religião, que embora tenha perdido a sua força nas últimas décadas, em relação a outros tempos, tem novamente se fortalecido como indica ADORNO (1995, p. 28), "Hoje, a volta para a fé na revelação ocorre precisamente pelo desespero em relação a esses mesmos meios, em relação à 'ratio'".

4. A RELAÇÃO ENTRE INDÚSTRIA CULTURAL E A PRÁTICA DOS PROFESSORES

Na escola, várias informações, valores e valorações se entrecruzam, se contaminam e se combinam ou se repelem quando observamos o processo manifesto da aula, no qual o professor, embora orientado por um movimento de elevar os estudantes a uma formação (“Bildung”), tende a aderir às idéias e valores da classe dominante transmitindo-os como idéias e valores absolutos. (RAMOS DE OLIVEIRA, 1995, p. 126).

A prática de qualquer professor tem papel central no decorrer de uma aula, a escolha dos conteúdos, como eles são ministrados, a forma como o professor trata seus alunos, enfim todos os posicionamentos que ele toma são significativos para a formação dos alunos, sejam eles positivos ou negativos. Contudo, gostaria de deixar claro que não vejo o professor nem como um “super-homem”, muito menos como o “Lex Lutor”, e sim como um indivíduo que como seus alunos estão expostos a vários mecanismos de dominação, que podem tanto gerar a barbárie como contribuir para a emancipação, como por exemplo, a indústria cultural foco de nossa discussão.

Além da formação técnica o professor leva para a “sala de aula” os valores que adquiriu durante toda sua vida, e estes não estão separados de sua prática. Entre eles podem estar os assimilados através da indústria cultural, já que esta está cada vez mais presente em nossas vidas, freqüentemente indicando-nos como devemos ser e/ou parecer. E antes mesmo que pensemos em questionar seus ditames nos pegamos encantados com todos seus astros e efeitos especiais.

Devo ressaltar que todo conteúdo da indústria cultural não é neutro, mas geralmente contribui para a manutenção com o *status quo*, ou seja, nos leva a um conformismo generalizado. Um exemplo disso é a passagem onde Horkheimer e Adorno citam o sempre igual roteiro das novelas:

Não somente os tipos das canções de sucesso, os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixo, mas o conteúdo do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência. (...) A breve seqüência de intervalos, fácil de memorizar, como mostrou a canção de sucesso; o fracasso temporário do herói, que ele sabe suportar como good sport que é; a boa palmada que a namorada recebe da mão forte do astro; sua rude reserva em face da herdeira mimada são, como todos os detalhes, clichês prontos para serem empregados arbitrariamente aqui e ali (...). (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p 117)

A passagem do texto de Newton Ramos de Oliveira, que citei como

epígrafe deste capítulo, traduz expressa a minha preocupação com a temática da indústria cultural e sua entrada por todos os lados no cotidiano escolar. Não são apenas os alunos que carregam esses valores, os professores, aqueles que poderiam estar “abrindo os olhos” dos alunos também têm reproduzido os valores da indústria cultural dentro deste espaço.

Aqui se encontra minha preocupação central, qual seria então o papel da educação e mais especificamente do professor frente à avalanche dos mecanismos informais de educação que trazem em si elementos para uma formação crítica, mas também produzem e reproduzem valores de acordo com os interesses daqueles que dominam os meios de produção. Trazendo a discussão para a prática do professor de Educação Física podemos adicionar um elemento, a forte especulação que a indústria cultural realiza sobre o corpo. O corpo, como diria Soares (2001c), por ser uma tela tão frágil onde a sociedade se projeta poderia ser o ponto de partida, hoje, para pensar o humano e para preservá-lo, no entanto tem sido instrumento para dividi-lo, aprisioná-lo, aliená-lo. Podemos observar esse fato nas inúmeras reportagens sobre moda, tratamentos estéticos, dietas que tem vendagem garantida, ou ainda lembrarmos o número de revistas destinadas a “boa forma” nos últimos anos. A mocinha da novela das oito, ou até mesmo a figurante que aparece apenas de relance agora são referencial para a sonhadora adolescente, que com a promessa de se tornar popular e desejada compra desde o *baton* até o cereal que carrega como marca o nome da atriz da novela.

Gosto muito das reflexões de Baudrillard, quando este fala que hoje tudo está a venda, inclusive e principalmente o corpo. De acordo com o autor (1991, p. 19):

(...) chegamos ao ponto em que o consumo invade toda a vida, em que todas as atividades se encadeiam do mesmo combinado, em que o canal das satisfações se encontra previamente traçado, hora a hora, em que o envolvimento é total, inteiramente climatizado, organizado, culturalizado.

Isso ocorre através de ar condicionado, belíssima decoração, fácil acesso, tudo isso em apenas um local: o shopping.

Para a escolha dos comércios, e acredito não só deles, Baudrillard (1991, p. 19-20) nos lembra do famoso slogan “a fealdade vende-se mal” outrora substituído pelo “a beleza do meio é a primeira condição da felicidade de viver”.

Ao referir-se à magreza Baudrillard (1991, p. 149) dirige-se a obsessão de manter a linha:

É evidente (basta apenas lançar um olhar sobre as outras culturas) que beleza e magreza não possuem qualquer afinidade natural. A gordura e a obesidade também foram belos noutros lugares e noutros tempos. Mas, esta beleza imperativa, universal e democrática, inscrita como direito e dever de todos no frontão da sociedade de consumo, manifesta-se indissociável da magreza. A beleza não pode ser gorda ou magra, pesada ou esbelta como o poderia ser numa definição tradicional fundada na harmonia das formas. Só pode ser magra e esbelta, em conformidade com a atual definição da lógica combinatória de signos, regulada pela mesma economia algébrica para a funcionalidade dos objetos ou a elegância de um diagrama. Será de preferência magra e descarnada no perfil dos modelos e dos manequins, que se revelam ao mesmo tempo como a negação da carne e a exaltação da moda.

Dessa forma o autor ainda que esta pulsão que alimenta o irreprimível encarniçamento autodestrutivo, irracional, em que a beleza e a elegância, visadas na origem, se reduziram a simples álibi para o exercício disciplinar quotidiano obsessivo. Que por reviravolta completa:

O corpo transforma-se em objeto ameaçador que é preciso vigiar, reduzir e mortificar para fins estéticos, com os olhos fixos nos modelos emagrecidos e descarnados de Vogue, onde é possível decifrar toda a agressividade inversa de uma sociedade da abundância em relação ao próprio triunfalismo do corpo e toda recusa veemente dos próprios princípios. (BAUDRILLARD, 1991, p. 151).

Horkheimer e Adorno (1985, p. 115), acrescentam a isso, a determinação dos poderosos executivos de nada produzir que não corresponda a suas tabelas, à idéia que fazem dos consumidores. E isso pode ser aplicado na especulação realizado sobre o corpo, em que os consumidos são tabelados aos números de roupa e à eles se adequar. Atualmente até mesmo a educação tem se transformado num rico mercado. O sucateamento da educação tem gerado um mercado paralelo de aulas particulares, livros, softwares, etc.

Mas o que teria a instituição escola haver com tudo isso? Não poderia ser a nossa aluna a adolescente deslumbrada com os *slogans* da marca de calça que promete “levantar seu bumbum” e torná-la mais sexy? Ou aquela aluna que desmaia durante uma aula devido à rígida dieta que se submete a fim de igualar-se à Gisele Bündchen? E ainda ao garoto que pede conselhos ao professor sobre qual marca de anabolizante comprar? O pensamento de ZUIN (1995, p. 153), encaixa-se

perfeitamente neste contexto:

Nos dias de hoje, quando as pessoas se encontram cada vez mais dessensibilizadas, é praticamente impossível ficar insensível aos apelos sedutores feitos pela indústria cultural, numa sociedade cuja consolidação e reprodução da cultura prioriza o princípio da comercialização de seus produtos sob as mais variadas embalagens.

E qual a reação do professor frente a tudo isso? Abafar? Reproduzir? Questionar? Nas próximas linhas estarei descrevendo a experiência que vivenciei ao observar as aulas de Educação Física durante a disciplina de Prática de Ensino com Estágio.

A modalidade em que estagiei foi a de ginástica, que por curiosidade só abrigava em sua prática meninas, justamente por trabalhar com a estética e serem geralmente as mulheres mais exigidas quanto à beleza física e o corpo escultural, visto por exemplo que todas as revistas que tematizam o assunto trazem em suas capas mulheres.

A ginástica é um conteúdo amplo que abre diversas possibilidades de trabalho: acrobacias, ginástica olímpica, ginástica rítmica desportiva, ginástica geral, entre outras. Entretanto, como modalidade de ensino da Educação Física na escola estagiada, visou o corpo “sarado”, em “boa forma”, numa luta desenfreada contra seu maior inimigo, “as gordurinhas”. Enfim os objetivos deste conteúdo tanto por parte das alunas como da professora eram estéticos. Essa afirmação está baseada na observação das aulas e num questionário informal aplicado às alunas.

Influenciados pela febre das academias de ginástica, os encaminhamentos da aula eram a reprodução de movimentos mecanicamente elaborados e executados como ocorre com o programa *Body Systems* onde é construída uma determinada coreografia padrão que deverá ser aplicada nas academias pelos professores adeptos a esse sistema. Almeida (2003, p.74), em ensaio sobre a racionalidade, corpo e sacrifício salienta que atualmente há um grande crescimento das práticas corporais não formais. Segundo a autora, estas atividades tais como os *Bodys* tem como características a lógica do sacrifício, da não reflexão, do bloqueio, e do empobrecimento da experiência formativa. A indústria cultural, através da técnica, promoveu a padronização e a produção em série da obra de arte, no entanto não foi somente ela a atingida, o corpo também tem sido padronizado, “produzido em série”, e conformado à exercícios pré-determinados que não respeitam suas

particularidades.¹²

Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra de arte e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a nenhuma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia atual. A necessidade talvez pudesse escapar ao controle central já é recalcada pelo controle da consciência individual. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p 114).

A invasão das práticas não-formais da Educação Física e refiro-me especialmente à academia de ginástica, para dentro do espaço curricular da escola, fica clara nos comentários e relatos dos estagiários: “Saímos da aula sentindo-nos como se estivéssemos fazendo estágio numa academia e não numa escola”. E em conversa com a professora: “Conversamos com a professora sobre o que abrange o conteúdo ginástica, dentro dos parâmetros da escola, e sua resposta foi qualquer coisa que tenha numa academia”. Como não deveria deixar de ser as aulas deste conteúdo foram todas realizadas na sala de ginástica, que fica no 2º andar do ginásio e é cercada por barras e espelhos. Os materiais que estavam à disposição eram uma pilha de colchonetes, alguns pesinhos de mãos, uma balança biométrica e um aparelho de som, como citado e ilustrado no capítulo dois.

No início das aulas, como que automaticamente, as alunas entravam na sala e pegavam um colchonete e posicionavam-se em círculo esperando apenas a professora iniciar a contagem, ora dos exercícios para glúteo ora para abdômen.

As alunas então realizavam os exercícios como que soldados naquela contagem (UM - “olha o bumbum durinho”, DOIS - “arruma a postura”, TRÊS - “sem moleza!” e assim por diante), o cansaço é tanto que não sobra tempo sequer para recuperar o fôlego, muito menos para questionar o porquê destes exercícios e padrões.

Dessa forma somos induzidos a aceitar tudo que nos é apresentado seja pela indústria cultural ou por um de seus porta-vozes, no caso a professora, e achamos tudo muito bonito. Não questionamos que marca de sabonete comprar, afinal sua garota propaganda tem uma pele tão bonita, não questionamos o porquê

¹² Refiro-me aqui aos programas *Body Systems* que aglomeram numa mesma aula, num mesmo ritmo e frequência indivíduos de diversas idades e níveis de condicionamento físico e não respeitam essa diversidade visto que toda aula é programada e vendida em vídeo sem saber quais são os alunos que a praticarão.

dos produtos diet e light são bem mais caros, pois vale a pena por algumas calorias a menos e muitos menos as alunas questionaram o porquê do sacrifício expresso pelo cansaço e o suor durante os cinquenta abdominais.

A fim de incentivar as alunas a realizarem todos os exercícios, a professora dizia às alunas que o sacrifício era momentâneo se comparado ao sentimento de missão cumprida que viria após as aulas, afinal estavam queimando várias calorias, e como elas desejavam, estavam deixando “seu corpo pronto para o verão”.

Estas expressões me lembram várias reportagens sobre dietas e exercícios físicos, ou “dicas de beleza” que sempre são exibidas em programas de TV, que ensinam quantas calorias comer e quantas gastar, custe o que custar, justamente para não passar vergonha ao colocar um biquíni no verão. Podemos observar esta questão em quatro chamadas de reportagens na capa da revista Boa Forma: “Desafio de verão: dieta + exercício, plano de três meses para encarar o biquíni sem medo”; “Perca até 20 cm de barriga, quadris e pernas com nosso plano de verão, para você conseguir rápido um corpo de parar a praia”; “Cartilha de beleza para ser a musa da praia” e “30 dias para arrasar na areia”¹³.

Em consonância com essas atitudes da professora, estava o fato dela ter permitido o uso de suas aulas para coleta de dados referentes a peso e altura, para posterior cálculo de IMC (Índice de Massa Corporal), ou se preferirem para conferir quais alunas estavam dentro dos padrões e quais não, por um grupo universitários, participantes de uma disciplina intitulada “Seminário de exercícios para pessoas em condições especiais de saúde”, sendo que o próprio nome dispensa qualquer comentário sobre o fato.

A preocupação com o peso era evidente no comportamento das alunas, ansiosas para saberem se engordaram ou emagreceram. Uma das meninas inclusive quis pesar-se novamente em outra balança para verificar se realmente aquele era seu peso. Mesmo aquelas que estavam com o peso “normal” preocupavam-se e contestavam estar dentro dos padrões tabelados, pois se sentiam insatisfeitas com sua aparência física. Nem a professora nem os universitários que estavam coletando os dados se preocuparam com o que aconteceria quando a aula terminasse, e as aulas fossem para casa. Em conversa com algumas meninas, estas

¹³ As manchetes citadas encontram-se respectivamente nas revistas Boa Forma de Outubro 2003, Janeiro de 2003, Janeiro de 2004 e Dezembro de 2003.

confessaram sofrer com a exigência de ter um corpo sarado, livre de “pneuzinhos” indesejados, chegando ao ponto de quatro dessas meninas terem sofrido com problemas como bulimia e anorexia. Além da melancolia provocada pelos comentários maldosos feitos por algumas alunas em relação às colegas que estavam acima do peso considerado ideal, ou ainda o desconforto em subir na balança.

Entendo que a discussão acerca da tendência em padronizar, homogeneizar e massificar os indivíduos, transformando-os em números, nesse momento é fundamental. A ciência positivista fortemente inserida nas áreas da Educação Física tem diminuído os seres humanos a números, tabelas e gráficos. São inúmeras as pesquisas sobre performance física e composição corporal realizadas em escolas, transformando os alunos literalmente em “ratinhos de laboratório”, sem preocupar-se com sua formação, e ainda ocupando o espaço das aulas de educação física escolar que deveriam ter, na minha opinião, como um de seus objetivos questionar esses mesmos padrões que tendem assim como a Indústria cultural homogeneizar todos os indivíduos.

Horkheimer e Adorno, em *Notas e Esboços – Interesse pelo corpo*, tematizam muito bem essa questão:

Os que na Alemanha louvavam o corpo, os ginastas e os excursionistas, sempre tiveram com o homicídio a mais íntima afinidade, assim como os amantes da natureza com a caça. Eles vêem o corpo mecanismo móvel, em suas articulações as diferentes peças desse mecanismo, e na carne o simples revestimento do esqueleto. Eles lidam com o corpo, manejam seus membros como se esses já estivessem separados. A tradição judia conservou a aversão de medir as pessoas com um metro, porque é do morto que se tomam as medidas – para o caixão. É nisso que encontram prazer os manipuladores do corpo. Eles medem o outro, sem saber, com o olhar do fabricante de caixões, e se traem quando anunciam o resultado, dizendo, por exemplo, que a pessoa é comprida, pequena, gorda, pesada. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p.219 - {grifos meus}).

DUARTE (1993, p.60), fiel à tradição adorniana, analisa muito bem os impactos que a ciência positivista proporciona a dominação da natureza:

Não apenas nos efeitos de seu desvairado emprego a ciência positivista produz uma naturalidade cega – ainda que social: faz parte de sua estrutura mais profunda uma semelhança fundamental com o mito, a saber, a explicação de todo e qualquer acontecimento enquanto repetição. (...) O resultado de uma equação será sempre o mesmo, assim como uma divindade natural sempre se portará de determinado modo como resultado de feitiço a ela direcionado. Com isso Adorno / Horkheimer pretendem

mostrar em que medida o poder, que o humano desde os primórdios da História teve de exercer para subtrair à supremacia da natureza, volta-se contra ele numa época em que as intervenções nos processos naturais se tornam quase ilimitados, ocasionando uma catástrofe natural-social, na qual os componentes naturais e os históricos não podem mais ser distinguidos um do outro.

Infelizmente não podemos negar que os currículos de Educação Física continuam pautadas numa visão positivista em detrimento das ciências humanas, questão que considero central na discussão sobre a prática do professor de Educação Física na escola.

Contudo, algumas coisas mudaram quando comecei a ministrar as aulas, afinal como se tratava da disciplina de Prática de Ensino, não poderia ficar apenas observando e tive que “por as mãos na massa”. Procurei em minha prática desmistificar todos aqueles padrões que havia identificado no período de observação, principalmente os estéticos, não no intuito de declarar o que é certo ou errado, mas sim de caminhar na direção de uma reflexão e formação crítica das questões envolvidas, a fim de que cada uma das alunos tivessem subsídios para formarem uma opinião emancipada destas questões. Trabalhei através da dança, da expressão corporal, teatro e dinâmicas em grupo trabalhar a autonomia e senso crítico das aulas frente a assuntos cotidianos e polêmicos.

Para que possam visualizar melhor o que estou contando descreverei como aconteceram duas dessas aulas.

A primeira aula tinha como um dos objetivos a criação de movimentos de acordo com o que as alunas sentiam da música, explorando todas as partes de seus corpos. No entanto o resultado foi frustrante, pois os movimento eram iguais, parecia até uma coreografia ensaiada, se não eram copiados da colega ao lado eram idênticos aos apresentados pelos grupos musicais de *pop* ou *axé*, quando não estavam apenas observando, com vergonha de se expor, afinal todas estavam acostumadas à reproduzir estereótipos, como descreve FABIANO (1998, p. 161-162):

Para evitar-se rasgos de consciência ou, mais acertadamente, para satisfazer níveis de exigência subjetivas ou ocultar com maior sutileza estabelecem-se estereótipos. Estes, por sua vez, interpõem-se de tal maneira em meio às expressões humanas massificadas que dão a elas a compreensão dos sentimentos e ações que foram manipulados com fins ideológicos.

Pensei então, em mudar radicalmente a estrutura da aula, pedindo que todas me imitassem, pois eu passaria uma coreografia pronta, finalmente todas estavam participando. Mas claro não era esse meu intuito. Terminada a coreografia, questionei as alunas do porquê é tão fácil imitar, reproduzir, repetir e tão difícil criar, inovar, ousar. Perguntei se alguma delas gostaria de falar sobre o assunto e começamos a conversar. As razões que as meninas levantaram foram a questão da integração, pois muitas tinham medo de “pagar mico” e a alegação de que os únicos movimentos de dança que conheciam eram aqueles que viam na TV. Afinal, estamos condicionados a ele : “A Indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo absoluto”. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 123).

A segunda aula a que me referi, foi a última que ministrei na escola e justamente por isso levei para a turma uma discussão que me incomodava. Como observei na maioria das aulas o desespero das meninas em emagrecerem ou engordarem, fazendo daquilo seu objetivo de vida e ainda a procura dos meios para isso dentro das aulas de Educação Física escolar, propus uma dinâmica em que, através de imagens e reportagens sobre o corpo, ou melhor, o que a indústria cultural tem feito com ele. Dividi a turma em grupos e cada um deveria discutir sobre o tema em cima do material disponibilizado e posteriormente apresentar ao grande grupo.

Para minha surpresa, pois achava que a aula não daria certo por ser teórica, a discussão “deu pano para manga”, afinal todas tinham uma história pessoal para relacionar com o assunto.

O ponto que considero principal dessa aula foi na última turma, onde as meninas questionaram, de acordo com o caderno de campo: “Tá, tudo bem, eu sei que de certa forma somos manipuladas para ficarmos prisioneiras desse corpo perfeito, como também de tantas outras coisas, mas como mudar isso, não tem como”. (Caderno de campo). Na hora não tive reação e estava quase deixando passar essa discussão, foi quando justamente a professora da disciplina e o professor que supervisionava meu estágio intervieram, perguntando realmente se não tinha como, foi quando me veio à cabeça um poema de Jorge Luis Borges que dizia em palavras gerais, o seguinte: quando eu era criança queria mudar o mundo, o tempo foi passando e não consegui alcançar meu objetivo, resolvi então mudar meu país mas também não deu certo. Na minha vida adulta perseverarei em tentar

mudar aqueles que estavam a minha volta, frustrei-me novamente, e agora no meu leito de morte percebo que se houvesse tentado mudar a mim mesmo, talvez teria mudado as pessoas a minha volta, estas poderiam ajudar-me a mudar o país e quem sabe o mundo.

Esse poema veio a minha cabeça, pois quando entramos na universidade, ou quando vamos dar aula na escola achamos que vamos mudar p mundo e nossa prática torna-se frustrada pois isto é impossível. Acredito então que se olharmos para um turma de trinta e cinco alunos por exemplo, não como uma turma e sim como trinta e cinco alunos com suas diferenças e peculiaridades talvez sim possamos fazer diferença na vida de um deles, e este na vida de outro e outro e assim caminhar para uma humanidade mais sensível.

Minha intenção com o relato dessas aulas, não foi minha prática e sim o comportamento da professora durante esses momentos. Em contraste com os relatos de observação de observação de aula a professora ao ter contato com as discussões que trouxemos, acerca da reprodução de valores da indústria cultural, padronização e banalização do corpo, passou ela mesma a incentivar as alunas a questionarem esses posicionamentos.

A partir então dos ocorridos podemos levantar quatro questões centrais a respeito da prática da professora:

Primeiro, a indústria cultural tem como prerrogativa enfeitiçar o seu público de forma tão sutil que muitas vezes ele nem percebe o quanto está dominado por ela e a reproduz.

O controle que as imagens e os sons têm sobre nós, de acordo com Horkheimer e Adorno (1985), não é produto de apenas uma exibição, mas sim de vários outros filmes e produtos culturais que nos tornaram tão familiarizados com os desempenhos exigidos da atenção, que eles acabam por ter lugar automaticamente: “A violência da Indústria cultural instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da Indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-lo alertamente”. (HORKHEIMER E ADORNO, 1985, p. 119), e acrescento que além de consumi-los irão também reproduzi-los.

Além da sutileza dos produtos culturais, há outro agravante que, como o vilão nos desenhos animados cai na teia do homem aranha, nós caímos na teia armada por todo esse processo político de dominação. Podemos reafirmar essa armadilha nas expressões de HORKHEIMER E ADORNO (1985, p. 123), “quem

resiste só pode sobreviver integrando-se” e ainda em outra citação: “O mestre não diz mais: você pensará como eu ou morrerá. Ele diz: você é livre de não pensar como eu: sua vida, seus bens, tudo você há de conservar, mas de hoje em diante você será um estrangeiro entre nós”. (1985, p. 125).

O segundo ponto observado foi a empolgação com que a professora ministrava as aulas e falava da Educação Física me faz crer que realmente ela acreditava estar fazendo o melhor para suas alunas, afinal ela também é uma das vítimas do logro, da promessa de felicidade e prazer da indústria cultural, como lembram HORKHEIMER E ADORNO (1985, p. 131): “A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer”.

A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma e parece que com o corpo ela faz isso com primazia como descreve MELANI (2002, p. 48):

A mercadoria corpo obedece à lógica do sistema. O corpo é sempre entendido como uma função cuja incógnita é preenchida pelas necessidades da sociedade de consumo. Não se trata de um corpo real, mas de modelos aos quais a realidade corporal deve se ajustar. Este ajuste nunca é perfeito, pois sempre haverá distinção entre o corpo real e o corpo ideal. Por um lado, tal diferença alimenta a necessidade de aproximação, movendo o indivíduo ao consumo de bens que prometem tornar o corpo ideal e o corpo real próximos a ponto de parecerem uma coisa só; por outro, a pseudo-satisfação.

Sendo assim é sob o signo da criação de necessidades, da promessa, da pseudo-satisfação e da angústia que o mercado corporal se desenvolve.

Guiado pelo ideário da razão instrumental, o corpo é esquarterado. Suas partes são cobiçadas independentemente, como acrescenta o autor busca-se possuir determinado tipo de traseiro, um modelo de abdominal igual ao astro da TV ou ainda, pernas como as da sensual modelo fotográfica. A alienação corporal chegou a tal ponto que elogiar uma prótese de silicone implantada para satisfazer as necessidades estéticas envaidece seu portador. Vaidade que não passa de ilusão pois, ao elogiar tais formas arredondadas de um seio que sofreu implante de silicone, está elogiando a razão-instrumental, o “eu” pensante, como coloca o autor acima citado, porque dá provas de ser o senhor da natureza corporal a ponto de substituir partes do corpo e torná-las melhores, mais de acordo com os propósitos da

sociedade do consumo. E fazendo uso ainda das palavras do autor, “nesse programa, não há diferença entre um corpo e um carro. Ambos são objetos a serem consumidos. Ambos podem ser ‘turbinados’”.(MELANI, 2002, p.49).

O autor acrescenta ainda que essa pseudo-satisfação, que seria uma satisfação nunca alcançada gera uma angústia, então esse processo poderia ser chamado de “A indústria da angústia”, como a indústria cultural é fundamental nesse processo podemos atribuir essa característica a ela também, pois a todos os momentos ela vende a promessa da expectadora tornar-se parecida com a dançarina que tem um corpo escultural, como podemos confirmar na reportagem sobre o “milagre da transformação”, editada pela revista Veja, onde uma das entrevistas disse colocar silicone, fazer aplicação de botox e lipoescultura a fim de se parecer com a Sheila Carvalho. Enfim, a indústria cultural produz um corpo e também as formas como consegui-lo, ou melhor, comprá-lo. Essa esperança é inculcada na cabeça de todos nós e promove uma corrida a esse corpo belo, inclusive da professora e das alunas observadas e por isso a necessidade e a vontade de querer fazer ginástica em busca de um corpo que traria uma felicidade tão falsa quanto o que as levou a isso.

A terceira questão refere-se à falta de uma formação continuada, pois muitos professores continuam com a mesma prática há anos, desde que se formaram. Contudo, a Educação Física mudou e a sociedade sofre constantes transformações, e numa tentativa de “estarem na moda” e atualizados, ao em vez de procurarem as discussões realizadas na área¹⁴, se rendem ao senso comum da indústria cultural, confundindo informação e conhecimento. Pois, de acordo com Zuin (1998, p. 118), atualmente os indivíduos estão interessados no acúmulo de informações no menor espaço de tempo e fazendo o menor esforço, mediante o consumo de produtos culturais.

Já o quarto e último ponto perpassam por outra questão discutida por Adorno, agora em seu livro “Educação e Emancipação”, sobre os tabus acerca do magistério. A desvalorização da profissão de professor, e em específico no caso da Educação Física em que muitos dos professores que trabalham na escola não

¹⁴ Gostaria de esclarecer que não estou criticando apenas os professores por não buscarem as discussões acadêmicas da Educação Física, mas também a própria academia que dificulta seu acesso às produções realizadas, como por exemplo, a linguagem formal e muitas vezes de difícil compreensão com que os textos científicos são escritos.

gostariam de fazê-lo e o fazem por obrigação, acendem nestes profissionais um desejo de legitimação social, ou mesmo querem a garantia de que a disciplina de Educação Física não saia de uma vez por todas do currículo escolar nesse contexto neoliberalista, trazem para dentro de suas aulas, como já citei, práticas não formais de Educação Física e valores pregados pela indústria cultural que principalmente legitimem o deus mercado.

Mesmo tendo observado algumas aproximações entre a prática da professora e a Indústria cultural, observei um ponto que as distinguem. Enquanto a Indústria cultural nega o novo, se contenta com a reprodução do que é sempre o mesmo, com descrevem HORKHEIMER E ADORNO (1985, p. 126), “O que é novo na fase da cultura de massas em comparação com a fase do liberalismo avançado é a exclusão do novo. A máquina gira sem sair do lugar”. Em contraposto com isso, a professora mostrou-se aberta aos questionamentos e atividades propostos em minha prática.

Entendo então que embora as observações demonstrem uma íntima relação entre a prática da professora e a indústria cultural, através de uma reprodução dos valores desta, a professora não é culpada por tais atos, pois assim como todos nós ela também é produto desta sociedade capitalista, injusta e preconceituosa.

5. CONSEQÜÊNCIAS DESSA RELAÇÃO: UMA EDUCAÇÃO DANIFICADA

“Educação significa emancipação”, já afirmava Zuin (1998, p. 120). Emancipação da situação atual dos homens que cada vez mais perdem sua autoconsciência e a possibilidade e uma reflexão crítica sobre a sociedade, uma vez que estão cada vez mais inter-relacionados ou inter-dependentes dos produtos semiculturais. Eis aqui o processo de semiformação cultural descrito por Adorno. Contudo, a emancipação, o progresso só acontecerá a partir do momento em que os seres humanos se tornarem humanidade e a partir de então poderem progredir.

O apelo sobre os produtos semiculturais arranca lágrimas e sorrisos do público. Pois os indivíduos são educados, cognitivamente e afetivamente, para subordinarem-se a esse processo que corrobora com a adaptação e o conformismo, como cita o autor acima, impingendo das consciências felizes. Esse termo é interessante, pois ele expressa exatamente o sentimento dos indivíduos na sociedade moderna. A culpabilização e o individualismo que são pregados aos homens, internalizando neles o pensamento de que se a vida está ruim é sua própria culpa, a fim de esconder a verdadeira culpada por este caos generalizado, à irracionalidade dessa sociedade irracional. Aliado a isso a Indústria cultural cria e vende produtos que reforçam essa alienação.

Entretanto, se chegasse neste ponto do texto e colocasse uma norma de conduta para que os professores de Educação Física seguissem frente aos feitiços da indústria cultural estaria cometendo a mesma prática coercitiva que esse mecanismo de dominação política realiza. O máximo que pretendo neste pequeno espaço e propor algumas formas de reflexão, para que, quem sabe, o professor de Educação Física, preferencialmente aquele que atua no espaço escolar, possa refletir de uma forma mais autônoma e emancipada sobre sua intervenção na sociedade. Para alcançar este objetivo me reporto novamente às contribuições pedagógicas dos teóricos de Frankfurt, especialmente ao pensamento de Adorno (2000), onde este autor no texto denominado, “O que significa elaborar o passado”, indica algumas possibilidades que considero interessante.

O desejo de se libertar do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo. O nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz apenas como fantasmas daquilo

que foi tão monstruoso a ponto de não sucumbir à própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que os cercam. (ADORNO, 2000, p.29).

Baseado neste pequeno trecho pretendo levantar algumas considerações que considero de extrema relevância. Será que o a sedução proporcionada pela indústria cultural sobre a prática do professor de Educação Física não é uma tentativa deste professor de se libertar de um passado que o incomoda? Acredito piamente que sim, conforme visualizei em inúmeros momentos deste trabalho. Entretanto, será que esta é a estratégia mais adequada? Muitos dos professores acreditam que sim, pois afirmam que se eles não fizerem os seus alunos não estarão tendo contato com a realidade e com os conteúdos mais atuais. Mas será que culpa e violência tem que ser pagas com mais culpa e violência? Será que estas difusões dos produtos semiculturais vão eliminar o passado da Educação Física? Acredito que não, pois agindo desta maneira cada vez mais se estará atrelando as lógicas do mercado e do capital, deixando novamente o ser humano em segundo plano, aonde a prevalência dos interesses individuais vem na frente dos interesses da sociedade de uma forma geral, fazendo prevalecer cada vez mais à barbárie na sociedade.

Um outro ponto importante de ser retomado é que conforme aponta Adorno e Horkheimer (1985), é que a intensa difusão dos produtos semiculturais é facilitada pelo grande desnível econômico existente na sociedade capitalista, sistemas este que tornam os egos dos indivíduos cada vez mais enfraquecidos e com isso mais passíveis de dominação. Nesse sentido, fica muito clara a adesão dos professores a indústria cultural, pois eles são fragilizados pela opressão capitalista que sofrem cotidianamente. Contudo, essa sensação de satisfação proporcionada pelo narcisismo coletivo dos professores de Educação Física, é conforme aponta ADORNO (2000, p.41), “uma satisfação visivelmente paga às custas da miséria da maioria”. Sendo assim, considero de extrema importância tornar explícito para o professor de Educação Física os mecanismos que provocam nele esta tendência em difundir esta formação danificada. A elaboração do passado como uma forma de esclarecimento é primordial para este agrupamento social, caso ao contrário, ele continuará cada vez a reproduzir as pequenas auschwitzs nos diferentes espaços de intervenção profissional.

Desta forma, considero que o seguinte trecho de Adorno (2000, p.121), no ensaio “Educação após Auschwitz”, torna-se primordial para toda a discussão realizada até agora:

Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei de inflexão em direção ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca deste mecanismo. Os culpados não são os assassinos (...) Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias.

É neste contexto que espero que os acadêmicos e os professores de Educação Física comecem a refletir não só sobre a indústria cultural e sua intervenção profissional. É necessário primeiramente refletir sobre si mesmo.

Dessa forma não podemos esquecer as palavras de ZUIN (1998, p.120), quando este diz que “a denúncia por si só não é suficiente, contudo não deixa de ser um passo fundamental para a experiência formativa autêntica”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É hora de respirarmos fundo e recapitularmos os pontos principais deste trabalho, a fim de que ele alcance seu objetivo: o de contribuir para a formação do professor de Educação Física que atuará no contexto escolar.

Na atual fase do capitalismo, a indústria cultural tem ganhado um espaço cada vez maior e tem entrado em nossas casas e corações sem pedir licença. Dessa forma somos bombardeados freqüentemente com seus produtos semiculturais, que são absorvidos por nós como que fizessem parte de nosso próprio corpo, e não obstante são mesmo, pois a compra de narizes da Graziela Schmite, peitos da Joana Prado, bundas da Juliana Paes, bocas da Daniela Cicarelli é uma realidade cada vez mais virtual. Realidade, pois alcança os sentimentos de nós expectadores, virtual, pois a questão estética nunca foi tão especulada pelos meios de comunicação de massa.

A palavra virtual que citei acima ainda poderia ganhar outra conotação neste contexto. Virtual poderia expressar o desejo vendido, mas nunca alcançado, afinal a indústria da beleza, do sexo, da saúde, e tantas outras vivem disso: da promessa enganosa que fazem a seus consumidores.

A palavra então é consumir, virar estereótipo, como na epígrafe inicial virar coisa, coisa que não pensa apenas reproduz e colabora com a manutenção do *status quo*.

E como podemos acompanhar juntos, a escola não está isenta dos valores propagados pela indústria cultural. Eles ultrapassam os muros da escola, tanto nos corpos dos alunos como nos dos professores. E aqui se encontrou a discussão que tentei realizar, as visibilidades que tentei expor e que principalmente devem estar abertas às representações de cada um de vocês.

A partir da experiência da disciplina de Prática de Ensino com Estágio Supervisionado perguntei-me: Qual a relação entre a indústria cultural e a prática dos professores? Não coincidentemente tal questionamento está no título deste trabalho.

Contudo antes iniciar esta discussão, achei sensato trazer alguns tópicos que ajudariam no entendimento do trabalho e com isso coloquei-os em forma de capítulo. No capítulo um apresentei o intuito da pesquisa, sua justificativa e objetivos. No capítulo seguinte apresentei a todos a escola, as turmas com que

trabalhei o professor a fim de que vocês também pudessem entrar nessa história. Já no capítulo três fiz uma recapitulação sobre o referencial teórico que utilizei, a Teoria Crítica da Sociedade e a principal obra que utilizei, *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos* além da apresentação da idéia de indústria cultural trabalhada pelos frankfurtianos. Finalmente o capítulo quatro em que discuti os dados coletados juntamente com a teoria, o qual reservou-me surpresas pois não era eu quem redigia o texto e sim a empiria que me conduzia.

Após a discussão que realizei, olho para trás e penso como estamos constantemente revendo e reconstruído nossos pensamentos. Confesso que ao observar as aulas de Educação Física de uma grande escola de Curitiba, percebi uma reprodução dos valores propagados pela indústria cultural e não tive receio, em meu pensamento, em criticar a prática do professor. Contudo com o andar das observações e intervenção nas aulas pelos estagiários, algo mudou.

Percebi então que não era o professor o vilão da história e sim, como todos nós, vítimas da indústria cultural e de todo sistema perverso que está por trás dela. Dessa forma, levantei três tópicos que nos conduzem a refletir a prática do professor: 1. A indústria cultural tem como prerrogativa enfeitiçar seu público de forma tão sutil, fazendo com que o filme seja visto como prolongamento da vida, que o professor nem percebe que é produto dela e a reproduz; 2. Todos nós somos atingidos pelo mal estar na civilização, termo que emprestei de Freud e expliquei no decorrer do trabalho, e com isso temos nosso ego enfraquecido o que nos faz tomar atitudes com o intuito de integração nos grupos e nos padrões sociais, Um exemplo claro disso para todos nós e em especial neste trabalho é o corpo. A indústria cultural nos promete felicidade caso compremos um corpo padrão. O professor de Educação Física da escola estagiada acreditava nesse logro e vista a empolgação com que ministrava as aulas acreditava que suas alunas seriam felizes também caso alcancem aquele determinado corpo; 3. Na falta de uma formação continuada o professor utiliza-se dos conteúdos da indústria cultural por estes serem de fácil acesso, e com isso fazem uma indistinção entre conhecimento e informação.

O intuito, então, com este trabalho foi trazer à visibilidade dos professores e acadêmicos, principalmente aqueles que trabalham e se interessam pelo âmbito escolar, a fim de que os valores da indústria cultural não continuem sendo reproduzidos amiúde, fazendo de nossas escolas como citei no início do trabalho,

“pequenas auschwitz”. Portanto a educação é ponto principal neste processo de busca pela emancipação, pois:

É nesse contexto culturalmente alienante que está o grande desafio para a ação educativa hoje. Se a indústria cultural mistifica as relações sociais para aniquilar a subjetividade humana, roubando-lhe a autonomia, cabe ao pensamento educacional inverter a fórmula. Ou seja, acionar processos educativos que desmistifiquem a aculturação com finalidade servis ou mantenedoras da miséria e injustiça. (FABIANO, 1998, p. 167).

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 2 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- _____. **Palavras e Sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ALMEIDA, Erica C. Racionalidade, corpo e sofrimento: contribuições da Escola de Frankfurt para (re)pensar o corpo na história. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 21, n. 01, p.39-53, jan./jun.2003.
- ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **A Reinvenção do Esporte: possibilidades da prática pedagógica**. Campinas, Autores Associados, 2001.
- BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991
- BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre, Magister, 1992.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo, Cortez, 1992.
- COSTA, Belarmino C. G. Indústria Cultural: Análise Crítica e suas possibilidades de Revelar ou Ocultar a Realidade. In: PUCCI, Bruno (org). **Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis: Vozes, p. 177-197,1995.
- DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. **Mímesis e Racionalidade**. São Paulo, Loyola, 1993.
- _____. **Teoria Crítica da Indústria cultural**. Belo Horizonte, MG: editora UFMG, 2003.
- EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. São Paulo, Cortez, 1987.
- FABIANO, Luiz H. Indústria cultural e educação estética: Reeducar os sentidos e o gesto histórico. In: ZUIN, Antônio A. S.; PUCCI, Bruno.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **A Educação Danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, p.159-180, 1998.
- FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização**. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- GUAITA, Nicole R. ; SILVA, Marcelo M. A ginástica como conteúdo escolar: notas sob a ótica da Teoria Crítica da sociedade. In: V ANPED – Sul, 2004. Curitiba. Relação de trabalhos. CD-ROM.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MARCUSE, Herbert. **O Fim da Utopia**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.

_____. **A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional**. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MELANI, Ricardo. Corpo, Objeto de Consumo. **Discorpo**. São Paulo, V.13, p. 41-53, 2º Semestre de 2002.

ORTIZ, Renato; SIMÕES, Sílvia H; RAMOS, José M. O. **Telenovela – Histórias e Produção**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. A escola esse mundo estranho. In: PUCCI, Bruno (org). **Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis: Vozes, p. 121-138,1995.

_____. Para não imobilizar o conceito de indústria cultural. In: VAIDERGON, José e BERTONI, Luci M. **Indústria cultural e Educação: Ensaio, Pesquisas, Formação**. Araraquara: JM Editora, p. 115 – 122, 2003.

RIAL, Carmen. Televisão, Futebol e novos ícones planetários: aliança consagrada nas copas do mundo. **Motrivivência**. Florianópolis. Ano XIII, n. 18, p. 15-31, Março/2002.

SELIGMANN-SILVA, M. **Adorno**. São Paulo: Publifolha, 2003.

SEVERIANO, Maria F. V. **Narcisismo e Publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade**. São Paulo: Annablume, 2001.

SILVA, Marcelo Moraes. **A Escola e a formação de grupos: um estudo no ensino médio**. Artigo no prelo.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. 2 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2001a.

_____. **Imagens da educação no corpo**. Campinas, Autores Associados, 2001b.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Acerca da problemática da Educação Física: Um diálogo com a produção de Theodor W. Adorno. **Discorpo**. São Paulo, n.10, p.11-32, 1º semestre de 2001.

VAZ, Alexandre Fernandes. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In: VAZ, A. F; SAYÃO, D. T; PINTO, F. M. (orgs.) **Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a Prática de Ensino de Educação Física**. Florianópolis, Ed. UFSC, p. 85-107, 2002.

_____. Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão. **Pro-Posições**. Campinas V. 14, n.2 (41), p.61-75, maio/ago. 2003.

WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt**. Rio de Janeiro, DIFEL, 2002.

ZUIN, Antônio A. S. O corpo como publicidade ambulante. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 21, n. 01, p.39-53, jan./jun.2003.

ZUIN, Antônio A. S. Seduções e Simulacros – Considerações sobre a Indústria Cultural e os Paradigmas da Resistência e da Reprodução em Educação. In: PUCCI, Bruno (org). **Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis: Vozes, p. 151-175,1995.

_____. A indústria cultural e as consciências felizes: Psiques reificadas em escala global. In: ZUIN, Antônio A. S.; PUCCI, Bruno.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **A Educação Danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, p.117-138, 1998.

ZUIN, Antônio A. S.; PUCCI, Bruno.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **Adorno, o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.